1936
ANNO XXXV
NUMERO 135
2 - Janeiro - 1936
Preço 1$200
O MALHO

Ganhe com pouco esforço um grande premio

Ninguem que se interesse por Cinema, ninguem que aprecie ganhar um premio valioso, sem esforço, deve perder a occasião que lhe offerece o "ALBUM CONCURSO CINEARTE". E' um concurso simples, e attrahente, ao mesmo tempo, no qual nada ha a perder e no qual se pode ganhar um relogio-pulseira cravejado de brilhantes, no valor de 2:200$000, ou outros premios valiosos.

Ao todo, são 10 contos de réis em ricos premios a serem distribuidos pelos leitores de "CINEARTE", a esplendida revista cinematographica Brasileira.

Todos os jornaleiros distribuem gratuitamente a linda capa para colleccionar as photographias.

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000
Semestral . . . . . 30$000
Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34
Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

CINELANDIA

Chronica de J. M. Brinckmann. — Illustração de P. Amaral.

1936!

Chronica de Benjamim Costallat. — Illustração de P. Amaral.

APOLOGO DA LIBERTAÇÃO

Conto de Ernani Fornari.— Illustração de Cortez.

QUANDO ELLA PASSA... e CABEÇA NO AR

Versos de Luiz Peixoto.—Illustração de P. Amaral.

PENSAMENTOS

Berilo Neves. — Illustração de Théo.

O HOMEM ALADO...

Conto de Renato Travassos. —Illustração de Fragusto.

SEGREDOS DE FAMILIA

Conto de W. E. Richards. — Illustração de Théo.

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA

DE TUDO UM POUCO

Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS"

Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA

Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que... — Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

CONCURSO "ALBUM DE ARTE E LITERATURA"

Apparece hoje, annexa ao O MALHO, a 7ª pagina do ALBUM DE ARTE E LITERATURA, uma bella lenda folklorica bororó assignada por Gustavo Barroso, da Academia B. de Letras, illustrada magistralmente pelo saudoso Correia Dias.

Ao pé desta pagina o leitor tambem encontrará o *coupon* n. 7, que deverá ser collado ao Mappa, conforme as bases do concurso, amplamente divulgadas.

A pagina e o *coupon* numero 6, conforme tivemos ensejo de fazer sabido dos colleccionadores, foram publicados no numero de MODA E BORDADO hontem posto á venda, visto que este grandioso certamen está sendo lançado em collaboração pelo O MALHO e por MODA E BORDADO.

—

Causou verdadeiro successo a exposição, ha dias realisada, dos valiosos premios deste concurso, á rua Gonçalves Dias, a qual foi visitadissima.

Entre esses premios, que são em numero de 300, no valor total de 114:000$000, um dos mais elogiados foi o elegante grupo de junco cuja photographia reproduzimos aqui, composto de 7 peças em estylo ças em estylo modernissimo, creação da Casa Flôr, onde foi adquirido, podendo agora ser visto nessa mesma importante casa, a Praça Tiradentes, 50.

15º premio — Valor 1:870$

A capa do ALBUM é para distribuição gratuita.

Os leitores do interior que tiverem difficuldade em adquiril-a poderão recebel-a, desde que nos enviem a importancia de 1$000 em sellos, para as despesas de porte do Correio, assim como temos em nosso escriptorio, á Travessa do Ouvidor, 34, exemplares do O MALHO e MODA E BORDADO que trazem os "coupons" ns. 1 a 6, para venda avulsa.

Gustavo Barroso, historiador, romancista, folk-lorista que assigna a bellissima lenda indigena que constitue a pagina n. 7 do ALBUM DE ARTE E LITERATURA, nasceu em Fortaleza, Ceará, a 29 de Dezembro de 1888. Seus primeiros successos literarios, obteve-os sob o pseudonymo de João do Norte, com o qual se popularisou.

Militando na imprensa e na politica, escrevendo romances e contos, Gustavo Barroso desenvolve uma invejavel actividade que o tem sempre trazido em posições de destaque no paiz. Antigo deputado, actual director do Museu Historico, é um dos orientadores do movimento integralista no paiz, sendo que essas preoccupações não lhe conseguem tolher a productividade literaria.

Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 8 de Março de 1923, em movimentado pleito, sendo recebido em 7 de Maio do mesmo anno. Occupa a cadeira n. 19, sob o patrocinio de Joaquim Caetano da Silva, e pertencente anteriormente a D. Silverio Gomes Pimenta.

A lista de livros de Gustavo Barroso é extensissima, indo quasi a uma centena de obras sobre os mais variados assumptos. Os mais recentes são — *Mulheres de Paris*, *O enigma de Gagschott*, *Lyautey*, *Brasil, colonia de Banqueiros*, *O que o integralista deve saber*, etc.

Estreou em 1912, com *Terra de Sol*, um dos livros mais populares no paiz.

Uma epopéa dos pescadores do Norte

Esta photographia tem um valor historico para todos os que se interessam pelos feitos e pela vida dos pescadores brasileiros. O barquinho que ahi apparece, de velas arriadas, balançando-se sobre as aguas, amarrado á prôa de uma embarcação maior, é a "Vanda", a casca de noz que, tripulada por quatro pescadores do "Norte" e dirigida por Pedro de Barros, percorreu toda a costa setenptrional do Brasil, até o porto de Santos.

Ella ahi está junto ao caes do maior porto nacional, ainda cansada da longa luta contra os ventos e as ondas do mar alto, como um testemunho alto do valor, da resistencia e da coragem dos pescadores do Brasil.

A photo foi tirada pelo Sr. Vicente Nunes Netto, especialmente para esta revista.

Cléo Antonio, de 6 mezes de edade, robusto filhinho do casal Antonio Rodrigues de Oliveira, residente em Bello Horizonte.

"A casa secreta" de Edgar Wallace

Acaba de ser traduzido e publicado em nossa lingua um formidavel livro policial, do conhecido romancista Edgar Wallace, intitulado "A casa secreta".

E', sem duvida, um dos melhores livros, deste genero, editados em nosso paiz.

O assumpto é inteiramente original e prende-nos a attenção desde o inicio até o fim, quando surprehende-nos um desfecho inesperado.

A casa editora escolheu optimamente este livro para sua estréa e promette-nos futuramente outras obras desse escriptor.

As *Edições O. G.* cuidaram muito bem da traducção, sendo esta primorosamente feita por traductor bastante conhecido.

Recommendamos, por isso, esta obra a todos os que apreciam o genero policial, pois é esta uma das melhores publicadas entre nós.

Acaba de terminar o curso do Instituto La-Fayette, departamento feminino, a senhorita Lucy Regua da Costa, filha do Sr. Henrique José da Costa e de Dona Hercilia Regua da Costa.

Emquanto V. graphar *acolimento, concentuada*, da (verbo *dar*) e outras bobagens semelhantes, não pense em versos.

JOAKIM CRUZ (Rio) — Creia que eu sinto muito, meu caro confrade, mas não pode ser. Melhores do que esses que V. me envia agora, eu tenho mais de duas centenas de poemas, esperando opportunidade, para sahir. Outra coisa, seus alexandrinos não estão certos. Não é difficil aprender a construil-os. Qualquer tratado de metrificação ensina.

ALEC DANILO (Fortaleza) — Tem mais emoção do que o trabalho anterior. Está, porém, um tanto desleixado de forma: "*mas ella*, a garota dos olhos azues, não quiz; "*mas ella* será realizada." E outras mazellas. Talvez, a felicidade esteja estragando o seu talento literario. Antes assim: vale mais ser feliz do que escrever bem...

A. P. M. (Campos) — As personagens do seu pequeno trabalho falam com muita emphase e são hyper-sensiveis. Por outras palavras mais claras e mais concisas: não têm realidade. Qualquer dia, exhumaremos a "Tia Sabina" da gaveta de collaborações.

CORREIA (Curityba) — "Sublime obcessão": um titulo demasiadamente emphatico para uma historia demasiadamente banal. Escripta nesse tom de elegia, é insupportavel. Creia, meu caro, que os lyrios do pantano se fanaram todos ao sol utilitarista dos nossos dias.

ADÃO VÉRAS (Campo Alegre) — Não digo que, com persistencia, V. não consiga triumphar, um dia. Agua fria em pedra dura... Mas vae demorar. Falta-lhe estylo. Suas historias são de uma puerilidade que raiam pela bemaventurança. E sua poesia pode ser tudo, menos poesia. Eu achava melhor que V. lesse primeiramente umas toneladas de bons livros e pegasse o geito. Depois então, poderia tentar...

MACANO (?) — Seu estylo presta-se a este genero. Mas o trabalho que agora me envia é uma simples amostra, não? Essas altas cogitações metaphysicas não cabem dentro de chroniquetas... a não ser como amostra de estylo. Isso de assignar o nome ou pseudonymo, fica ao seu arbitrio.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

OLAVO BILAC CIAMPI (Juiz de Fóra) — "Cartas de Amor", acceito. Quanto ás poesias, pode crer que eu prefiro as de Olavo Bilac, *tout court*.

SOUZA NITRANO (Bahia) — "Barbarismo" não chega a ser uma barbaridade, mas tambem não é poesia. "Estranha Impressão" não serve para publicar.

JOÃO URQUIZA VALENÇA (Recife) — Está, talvez, um tanto longo. Será preferivel cortar aquella conversa fiada de terceiro elemento e t h n i c o... Acho, porém, que tudo se arranjará. Vamos esperar uma brécha.

MINEIRO MAU (Itajubá) — Que quer Você? A força de ouvir tolices, a gente acaba acostumando-se. E enchendo-se de complacencia para com os tolos. Mas se V. gosta de satyras, por que não experimenta mandar uma collaboração sua?

AMADEO BOROSCHI (Bahia) — Lendo as duas paginas dactylographadas, de máu portuguez, que V. me enviou á guisa de carta, protestando contra a maneira indelicada como eu trato os intellectuaes do interior do paiz, lembrei-me de uma fabula que me narraram: O elephante havia feito grandes traquinadas no Paraiso, derrubando arvores e arrastando canteiros, e por isso Jeovah resolveu, como castigo, mandar cortar-lhes as orelhas. Estava o macaco á porta do Eden, quando viu sahir um coelho em louca disparada. — Onde vae Você nessa carreira? — perguntou o macaco. — Então não sabes que vae haver punição? — responde o coelho. — Sei. Mas é só contra o elephante. — Sim, mas a questão é que podem tomar-me por elephante — retruca o coelho. E continúa a correr. Você, seu Boroschi, *bancou* o coelho da fabula. Francamente...

ATHAYDE MARTINS (?) — E ia lendo, com satisfação, o seu trabalho, quando topo com esta passagem: "olhava os garotos e pensava *nessa fada* — a felicidade, que sempre correu deante de mim". Ahi eu comprehendi porque é que V. não pegava a felicidade, *seu* Athayde. Pois V. vive chamando-a de *safada* e não quer que ella fuja de V.? Solidario com ella, mandei sua collaboração para a cesta.

JACS (Natal) — Seu soneto tem uns versos de pé quebrado. Mal chegou aqui, perdeu o equilibrio e despencou dentro da cesta. Creia que não me cabe a minima culpa.

LUIZ RODRIGUES (Recife) — O enredo do seu conto é dos que prendem a attenção do leitor. O diabo é o estylo, que V. não tem. De maneira que a historia mais parece um relatorio do que uma pagina literaria. Quanto áquella historia de que a imprensa do Rio costuma dar preferencia á collaboração dos sulistas, não creia nessas tolices. E saiba mais que o elemento que predomina no periodismo carioca é, justamente, o nortista.

WALTER RAULINO DA SILVEIRA (Bahia) — V. se diz filho espiritual de Augusto dos Anjos. Não acha que ha um pedaço de presumpção nessa affirmativa? Eu acho. Pelo menos, estou certo que um descendente espiritual do grande poeta de "Só" não se sahiria, num soneto rigorosamente decassyllabo, com um verso de 11 syllabas, como este:

"Que lhe reduzem a hemoglobi-
[na a pús"

Olhe, moço, rimar palavras difficeis não é poesia, não.

Z. LITO (Rio) — O meu conselho é que V. primeiramente deveria aprender a escrever a sua lingua, com acerto, para depois, então, cogitar de versos.

O BRASIL DE LONGE

CONCURSO PHOTOGRAPHICO

PUBLICAMOS hoje, em outro local, as restantes 8 photographias das 15 que foram seleccionadas em 4ª apuração deste certamen, cabendo a cada um dos remettentes, como premio, um exemplar do bello livro de Heitor Moniz "Na côrte de Pedro II".

MENÇÕES HONROSAS

Sendo elevado o numero de photographias que recebemos para este concurso, muitas apresentando real interesse, resolvemos, a titulo de Menção Honrosa, ir dando publicação ás mesmas, em paginas artisticas, em O MALHO e em ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, consignando sempre os nomes dos remettentes sem concessão de premios.

Até que tornemos a annunciar, fica temporariamente suspenso o nosso concurso, que será reiniciado logo que tenhamos publicado o stock de photographias em nosso poder.

LIVROS E AUTORES

O LIVRO DE SCHEREZADE

Os irmãos Ranema acabam de publicar um interessante volume de contos orientaes sob o titulo "O Livro de Scherezade". Os contos são verdadeiramente orientaes, no ambiente, no estylo, no enredo e não apenas nos titulos, como ha muitos por ahi. De forma que a sua leitura resulta interessantissima para os amadores do genero.

O HASCHICH E OUTROS POEMAS

O Sr. Pedro Chocair enfeixou num pequeno volume as suas producções poeticas.

Metade do livro é tomado por um poema "O Haschich", versando sobre coisas do Oriente. Os outros poemas versam sobre varios themas.

IDÉA DE JOÃO NINGUEM

E' um livro escripto e illustrado por Belmonte. Isso diz tudo: não é apenas humorismo — é ironia fina, mordente, caustica. E' tambem imaginação, originalidade, numa attitude propria, inconfundivel, deante dos factos e dos homens. Belmonte tem uma bella fama como desenhista. Pois o seu talento, como humorista, nada ficou devendo ao do illustrador.

MUTAÇÃO

Mais um livro da conhecida escriptora Ivetta Ribeiro. Desta vez, um livro de versos, de versos modernos, de rythmo leve, agil, cheio de encanto e vivacidade. "Mutação" é um volume que augmentará o numero de admiradores que dona Ivetta Ribeiro conquistou, com seu extraordinario labor intellectual.

ALGUMA COISA DO QUE VI

Sob este titulo, o Sr. Alfredo Pessôa reuniu, num elegante volume da editora "Ariel" as impressões recebidas em sua recente viagem á Europa. Apesar de ser um estudioso de turismo e assumptos correlatos, o Sr. Alfredo Pessôa não se detem deante da paizagem geographica da Europa. O que mais lhe interessa são os aspectos sociaes, economicos e politicos do Velho Mundo, que elle fixa em traços vigorosos e vivos.

Por isso mesmo "Alguma coisa do que vi" é um livro muito interessante.

ALKAMAR, A MINHA AMANTE

Os poemas que o Sr. Jamil Almansur Haddad enfeixou nesse pequeno volume, são cheios de um ardente lyrismo e pespontados de graciosas imagens do Oriente. Se os chavões lyricos não puderam ser de todo evitados, é innegavel que a riqueza de colorido compensa bem esse defeito. O livro é dos que vale a pena serem lidos.

O SONHO DE IAYRI

Uma novella cheia de movimento e vida, de idéas e de flagrantes interessantes. O seu autor é o Sr. Demosthenes Massa. O estylo é rapido, incisivo, sem affectação. A leitura torna-se, por isso, agradavel.

Edição elegante e bem cuidada, de Calvino Filho.

MALHADAS...

Carlos Frias é um nome que, com muita intelligencia, se soube fazer nos meios radiophonicos. Não é apenas o Francisco Galvão que o admira tanto. Toda gente que ouve a Ipanema tem que achal-o grande cousa. De bom senso, soube desviar-se das criticas pejorativas dos chronistas. Pelo menos, até agora está illeso. E isto já significa alguma vantagem.

—

No radio, a critica de louvor é mais dispensavel que a de censura. Paremos, pois, de bemdizel-o. Portanto, falemos do Zé Bacurau.

O Zé Bacurau parece que anda perdendo o espirito. E' patente esta perda que se sente. Entretanto, noutras condições, não seria humorista sem graça, porque bons miolos não lhes faltam, sendo, da mesma forma, dispensavel o advento dum diluvio, embora maguasse a vontade do justo critico de "A Nação". E' que elle tem trabalhado demais. Eis a causa do exgottamento de seus veios humoristicos. A quantidade vae abafando a qualidade do que é bom.

Todos os santos dias, na Hora do Gury, (nós somos adultos) vem dar com o facão na gente. Quando era mais folgado, naquella excellente temporada da Cajuti, suas graças eram mais agradaveis. Agora, parece que está perdendo o tempero.

Seria bom que a P. R. G. 3, para não ser o cacete do ar, dando uma nota de originalidade, arranjasse uma série de sete humoristas, um para cada dia da semana. O Bacurau é intelligente e tudo mais. Trabalharia, então, com mais efficiencia e mais folga. Dahi, não precisariamos mais de cocegas para rirmos das gracinhas do "fessô" Bacurau.

—

O Zolachio Diniz estava fazendo, diariamente, a chronica radiophonica de "A Rua". Porém fez um artigo muito forte contra a Tupy e seu estado maior. Com isto, o trocadilho se fez:

— Foi posto da "Rua" pra rua...

RUBENS ORION

—x—

BRÊQUES

O Nássara, duas vezes vencedor do concurso de musicas carnavalescas da Prefeitura, dava os ultimos retoquaes ás suas composições de 1936, no studio da "Victor".

Nisto, chega junto delle o pistonista Wanderley, e pergunta:

— Oh, Nássara! Com qual dessas ahi você vae ganhar o concurso deste anno?

OUVINDO ESTRELLAS...

Na constellação de astros da P. R. A. 9, Amalia Diaz é, certamente, uma estrella de primeira grandeza. Apezar disso, Amalia é uma das artistas menos vistas do broadcasting, o que vem contrariar os principios astronomicos da visibilidade a olho nú...

Acontece que Amalia Diaz, além de fugir da auto-publicidade, ainda foge das insignificantes, mas sinceras homenagens que queiramos prestar-lhe. Assim, não foi facil conseguir que a explendida interprete da canção portenha se dignasse a dizer-nos tres ou quatro palavras sobre a sua arte, os seus projectos, as suas admirações e os seus planos artisticos para o futuro.

3 perguntas e 3 respostas incisivas:

— Que faz?

— Canto.

— Que pretende fazer?

— Cantar.

— Quaes os artistas que mais admira?

— Os que melhor cantam...

30 KILOS MENOS...

Um homem gordo, com tendencias sentimentaes, é uma cousa que o publico difficilmente acceita. E' o caso de Zacarias do Rego Monteiro. Principiou imitando declamadoras e dizendo versos caipiras. Quando quiz ser romantico, houve resistencias sérias da platéa. Mas, Zacarias do Rego Monteiro, com a sua voz delicada e a sua sensibilidade, conseguiu impôr-se. O seu esforço, nesse sentido, foi até ao sacrificio de emmagrecer 30 kilos, o que acaba de conseguir. Atravez do radio, então, com as suas banhas longe da vista do publico, o agrado de Zacarias é absoluto. A photographia, que damos com esta nota, foi tirada depois que elle reduziu as suas vastidões physicas. Imagine-se antes...

Broadcasting em Revista

Como vêem, leitores, falar a uma "cigarra" não e coisa facil. Quem não acreditar que pergunte ao fallecido La Fontaine...

Onde apparecem Muraro e Fernando Alvarez:

— Apezar disso, tambem incluo, nas minhas preoccupações artisticas, um logar de destaque para as minhas admirações.

— Faz parte de seus planos, esse detalhe? perguntámos.

— Faz. Gosto, por exemplo, da arte de Muraro, que não é o "incrivel" apenas nas apresentações de Cesar Ladeira. Tudo o que elle realiza traz a sua marca, absurda, inacreditavel. Não é só pelo seu espantoso "virtuosissimo" como, além de tudo e sobretudo, pelo seu inverosivel conhecimento dos segredos do teclado.

Para mim, destaco dois artistas notaveis. Como compositor, um, e como interprete, outro.

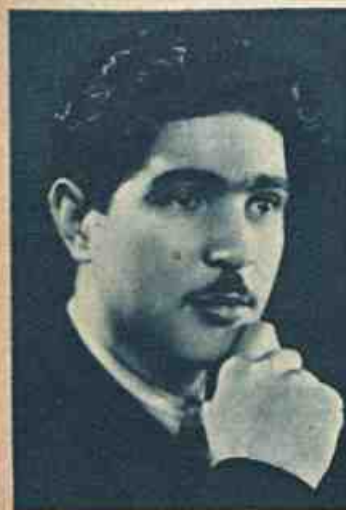
— Exemplo do primeiro, pedimos.

— Muraro...

— E do segundo? arriscámos.

— Fernando Alvarez, excellente cantor de tangos, brasileiro como você, mas absolutamente integrado nas subtilezas da alma argentina. Procure ouvir como elle canta um tango.

Promettemos e nos despedimos. Amalia Diaz seguiu para a Mayrink e nós tomámos o caminho do restaurante mais proximo. O estomago vasio já estava badalando a hora do almoço. Afinal de contas, a gente não vive para comer, mas se come para viver. Eis porque um almoço, entrando assim numa entrevista, poderá parecer deselegante. Deselegante, mas necessario, como muitas coisas aliás...

SESOSTRIS

O HOMEM DA SANFONA MAGICA

Tanto tem de grande no tamanho como no coração. Com Antenogenes Silva não se póde fazer a perfidia de dizer outra cousa... A sua alma é tão melodiosa como a sua sanfona. E melodia é um sinonymo de puresa e de bondade. Mas, Antenogenes Silva não é somente um sugeito bom. E' tambem um bom compositor, além de executante, e acaba de lançar, por intermedio das Irmãs Pagãs, duas marchinhas carnavalescas. São ellas: — "Não foi assim..." e "Carnaval é Rei". Elle bem merece que ambas façam um grande successo.

—

Illustre o seu espirito, concorrendo, ao mesmo tempo, á distribuição de 300 vallosissimos premios, por meio do concurso do "ALBUM DE ARTE E LITERATURA", promovido pelo O MALHO e MODA E BORDADO. 36 notaveis escriptores e 10 grandes illustradores escrevem nesse Album para Você, leitor amigo.

A INAUGURAÇÃO DA "RADIO CHANAAN"

O Espirito Santo, pelo seu progresso e pela sua cultura, já estava reclamando uma estação de radio.

E graças aos esforços de um grupo, chefiado pelo Dr. Fernando de Oliveira, a terra capichaba vae inaugurar, no proximo dia 10, a sua primeira emissora, a "Radio Chanaan".

Para a transmissão inaugural foram escolhidos, atravéz de um concurso, os cantores Sylvinha Mello e Luiz Barbosa, que interpretarão a melhor canção, a melhor marcha e o melhor samba dos compositores locaes, para o que foi organisado outro concurso.

O julgamento relativo ás composições foi feito nesta capital, por um jury composto dos Srs. Herbert Moses, Heliomar Carneiro da Cunha, Juracy Araujo, Luiz Antonio Pimentel, Rubem Resende e Oswaldo Santiago.

A "Radio Chanaan" realizará, portanto, uma notavel aspiração do Espirito Santo.

—:—

MUSICAS DE CARNAVAL

Luiz Sá, o desenhista personalissimo que o paiz admira, fez a capa da marcha "Coração na bocca", que Gastão Formenti gravou em discos, juntamente com "Você ainda não me deu..."

—

As marchas romanticas ás vezes pegam no Carnaval. Moacyr Bueno Rocha gravou uma assim: — "Nós dois e nosso amor", de Isabel Cursio, compositora capichaba, de Cachoeiro de Itapemirim.

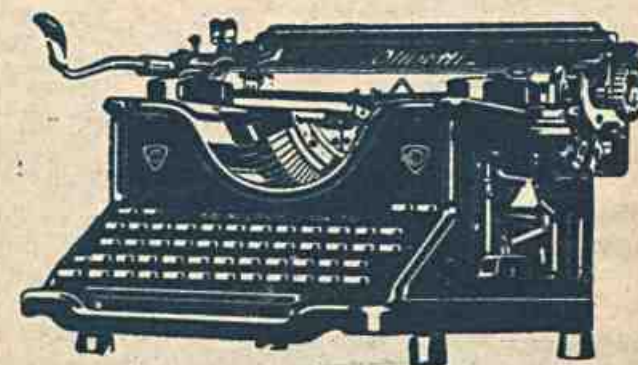
—

Noel Rosa não permittiu que Francisco Alves gravasse a sua marcha "Pierrot apaixonado", preferindo a dupla Joel e Gaúcho.

—

Entre os successos dos Irmãos Vitale estão: — "Escola do amor", samba de Walfrido Silva; "Cá estou eu, morena!", marcha portugueza de Vicente Paiva; e "Grande Gallo", de Lamartine Babo e Paulo Barbosa.

—

"Vae te embora" de Nônô e Francisco Mattoso, é um dos grandes sambas do anno.

—:—

RADIOLETES

A "Radio Transmissora" estava em vesperas de ser inaugurada, quando fechavamos esta pagina, já devendo estar no ar, neste momento.

—

O chronista Francisco Galvão baptisou a "Radio Jornal do Brasil" com o nome de "a estação que não ri..."

—

A Angelo Freitas, um cantor de radio que tem seu publico differente, realisou no ultimo dia 29 uma festa de arte no studio Nicolas, alcançando o successo que era de esperar.

DESFILE DE "ASTROS"

J. M.

"Seu Lé turco" é regeitado
Pelos seus "compatriotas"
Devido já ter contado
Infamosas anecdotas...

"Jura bra Deus" que elle faz
Mil e uma trapalhadas...
As piadas do rapaz,
Já estão muito divulgadas...

A sua aspiração suprema:
Ser "speaker" de cinema
P'ra ter maior "diffusão"!!!...

Mas se fôr para Hollywood,
P'ra defender o seu "grude"
Vae ser mesmo... "brestação".

OLAVO

LEGO

O Malho

AS FESTAS QUE MORRERAM...

FOI-SE o tempo em que a fartura andou pelo mundo.

Hoje, parece que o sólo, onde as boas coisas floresciam, seccou de todo.

As festas, as festas que eram expressões generosas da prosperidade e que todos davam e todos recebiam, estão passando para os dominios da lenda.

Salvo a meia duzia de afortunados e a duzia resistente de "coroneis", que sempre têm dinheiro para as mesmas "cocottes", não ha mais vestigios de presentes.

O dinheiro como que se evaporou da face da terra.

E os perùs de outrora transformaram-se em pintos. E os pintos em ovos. E os ovos em esperanças de franguinhas sonhadoras.

Nem mais "folhinhas" os vendeiros mandam para a freguezia com a conta do mez.

Não ha mesmo mais contas de mez. Tudo é pago á vista. O millionario de hoje póde ser o pobretão de amanhã. E o seguro morreu de velho.

As festas eram agradecimentos concretos dedicados áquelles que nos tinham dado a ganhar o anno inteiro.

E hoje ninguem ganha. Não ha a quem agradecer.

E' o Sahara sem outra perspectiva senão as miragens da esperança e os sonhos da febre do desespero.

Festas de quem e para quem ?

Os abastados não se acham seguros na sua abastança, os ricos nas suas riquezas, os propretarios nas suas propriedades.

E os que nada têm, cada vez sentem mais o circulo aspero da vida apertar lhes o estomago vasio, os membros exhaustos e o cerebro inquieto.

Festas ? Mas para que festas ?

Festejar o que? Festejar a dôr, festejar as privações, festejar a falta de emprego, a falta de trabalho, a falta de pão ?

Festejar o que ?

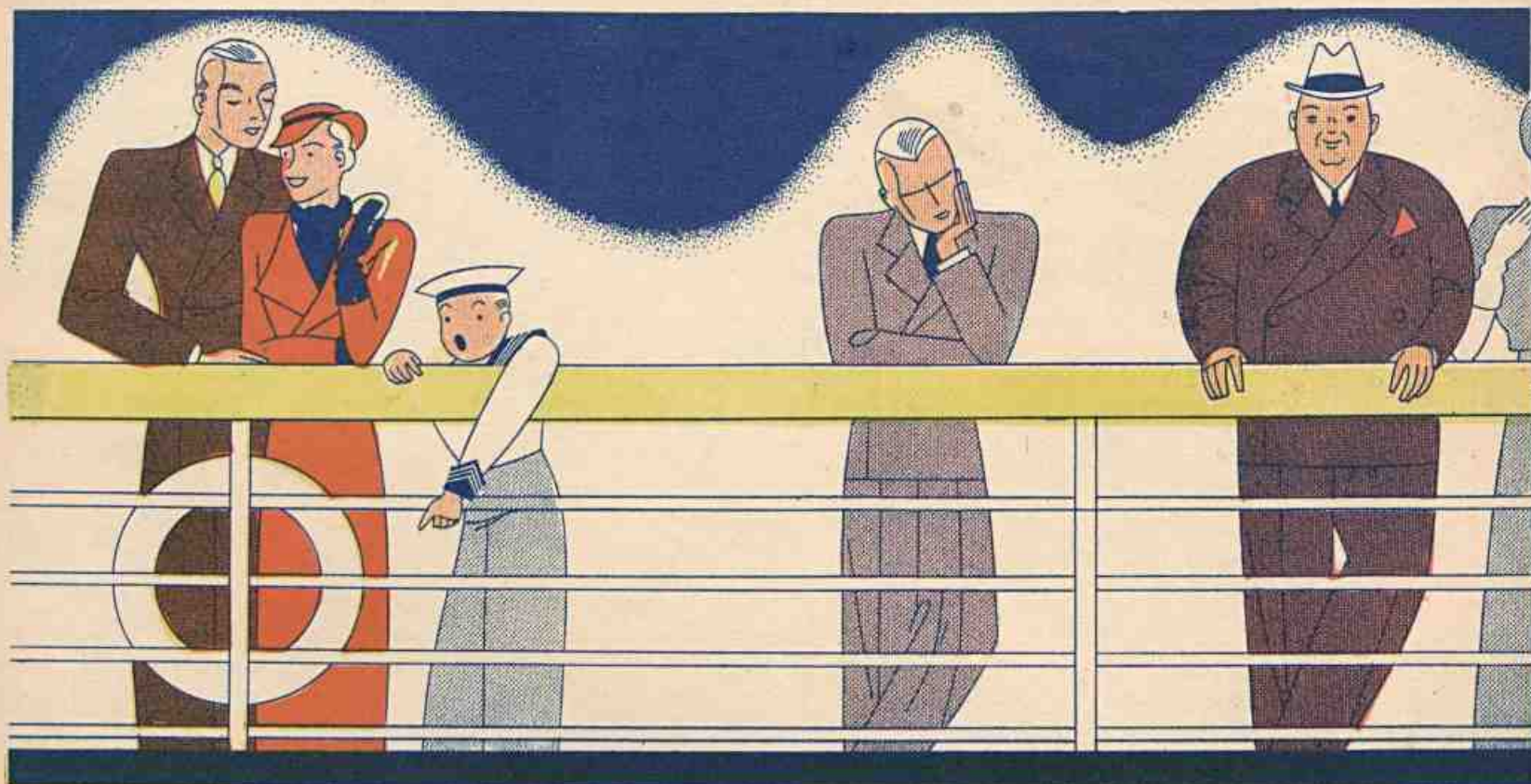
Dar festas para commemorar o desapparecimento da prosperidade, para festejar a fuga do socego e da felicidade dos homens, para festejar as guerras e as dictaduras, para festejar a morte da alegria e da liberdade, para festejar a vida deshumana de um planeta que só conhece a violencia e as privações, a miseria e a superproducção, e que tem, com a mais rendosa e a mais aperfeiçoada das industrias, a morte organizada, prevista e cultivada, das revoluções e das guerras ?

Festejar o que ?

O soffrimento, a orphandade, a inquietação e o desespero ?

Não ha com que festejar.

E não ha o que festejar !...

BENJAMIM COSTALLAT

paulo amaral

O DOUTOR JEKYLL...

Conto de Othon Costa (Da Academia Carioca de Letras)

EU andava, por esse tempo, seriamente preoccupado com os estranhos phenomenos da dupla personalidade. Durante muito tempo, observára que o bem e o mal não se excluem inteiramente, nesta constante lucta que travam no palco da alma humana, mas que apenas formam dois aspectos differentes, com alternativas espantosas, de uma mesma personalidade. Os casos observados eram communs; minha curiosa galeria de typos era vasta e admiravelmente variada. Certa vez, num "cabaret", onde, contra os meus habitos, entrei, após uma sessão de theatro, vi, numa das mesas, num canto mal illuminado da sala, um rapaz que logo me prendeu a attenção pelo completo e inopportuno alheiamento com que se conservava entre aquellas mulheres sem pudor e aquelles homens debochados, em meio de uma ruidosa ostentação de embriaguez e de cynismo, como que completamente estranho ao turbilhão algazarreante de tantas alegrias fingidas ou impostas pelo vicio ou pela necessidade. Era um rapaz elegante, profundamente sympathico e até mesmo bonito, em cujo rosto, algo ennublado por uma vaga melancholia, se vislumbrava um indizivel soffrimento antigo, que elle visivelmente procurava esconder. Não sei porque extraordinaria affinidade, o rapaz desde logo me interessou. Perguntei ao "cabaretier" quem elle era e recebi esta informação simplista:

— E' o Dr. Jekill, medico; foi a unica cousa que pude saber a seu respeito. E' um homem esquesito; algumas vezes, apparece por aqui ...

O nome não me era estranho. Fiz um esforço de memoria e recordei-me do personagem de Robert Stevenson. Por que lhe teriam dado o nome desse curioso personagem? Estava eu engolfando-me em taes conjecturas, quando notei que o Dr. Jekill conversava, á meia voz, com uma bailarina, uma das raras bailarinas bonitas do "cabaret", sem que se lhe observasse, durante o colloquio, a minima alteração na impressionante tristeza de seu rosto pallido. Pouco depois, entregando um cartão de visita á formosa bailarina, o joven medico se retirava do "cabaret", com a mesma indifferença e a mesma taciturnidade com que ali permanecêra cerca de duas horas.

Foi com aquella bailarina que eu pude identificar, com elementos mais precisos, o mysterioso personagem a quem tinham dado o nome de Dr. Jekill.

Era o Dr. Carlos de Azevedo, medico dos mais reputados da cidade e que pertencia a uma das principaes familias do Flamengo. Moço estudioso e de grande intelligencia, chegou a ser, muito cedo ainda, um scientista notavel, que todos admiravam pelo seu saber e pelas suas innumeras virtudes de homem de sociedade. Todos sabiam disto; entretanto, havia muita cousa, a seu respeito, de que nem todos podiam saber. Era precisamente ahi que estava o seu mysterio.

* * *

Carlos de Azevedo, desde creança, se revelara uma figura singular. Em geral, as creanças são alegres e travêssas. Carlos, pelo contrario, era quieto, concentrado, como que dado precocemente a reflexões profundas. Sua familia, como todos

os que lhe frequentavam a casa, vivia surprehendida, e até mesmo preoccupada, com o silencio incomprehensivel do menino.

— Ha o quer que seja de anormal na sua estranha indifferença por tudo — dizia sua mãe ao medico.

Mas, em vão, o clinico procurava, dentro dos recursos communs da medicina, a razão causal daquella anormalidade. O menino era forte e jamais se queixara de qualquer enfermidade. Não havia o menor indicio para um diagnostico positivo. Era apenas um menino differente. Os brinquedos, que lhe traziam, ficavam esquecidos pelos cantos da casa. Uma vez por outra, destruia-os, irritado com a insistencia com que procuravam obrigal-o a divertir-se com aquelles manipanços e bichinhos de panno, ou qualquer desses muitos brinquedos que fazem o irresistivel prazer da pequenada. Nunca se soube de uma travessura que elle tivesse praticado. Era grave. Um menino singular, "um doente", como explicava a mãe seriamente angustiada.

Carlos de Azevedo, invariavelmente o mesmo, conservando a mesma curiosa e bizarra psychologia, cresceu, estudou e formou-se em medicina. Sua carreira começou com felicidade e se manteve sempre com o mesmo brilho.

Seus numerosos clientes respeitavam-n'o como scientista, e admiravam-n'o pela sua austeridade, sem falsa attitude, natural, embora Carlos tivesse pouco mais de vinte e cinco annos.

Havia, porém, alguns factos obscuros na vida de Carlos de Azevedo: de vez em quando, imprevistamente, o joven medico desapparecia. Por onde andava? Que fazia? Fôra inutil indigar-se-lhe qualquer cousa neste sentido. Carlos era o mesmo enigma psychologico de sempre. Um dia surgiu um escandalo no bairro em que elle morava: uma menina de dez annos apparecêra amarrada, ainda sob a acção de um violento narcotico. Os jornaes noticiaram que o criminoso conseguira evadir-se, antes de ser conhecido, mas insinuavam que "a policia acreditava tratar-se de um medico, em virtude dos cuidados technicos de que se utilizou o criminoso para levar a bom termo aquella revoltante operação criminosa". Um diario da tarde chegou mesmo a alludir vagamente a "um illustre clinico daquelle bairro com quem a victima estivera em tratramento". Era elle o medico visado. Ninguem acreditou, porém, que a referencia delictuosa fosse feita ao Dr. Carlos de Azevedo. Seria um absurdo. Por essa razão, pouco tempo depois, ninguem mais se lembrava do facto. E Carlos de Azevedo continuou a sua vida, com a mesma indifferença pelo que se dizia ou pelo que se pensava a seu respeito, como um personagem contemplativo que, serenamente, atravessasse um palco deserto.

* * *

Depois, veio aquella noite do "cabaret", quando a sua figura singular me despertou o mais vivo interesse. Aquelle moço era Dr. Jekill, "cabareteur" algum tanto mysterioso, taciturno, sempre só, quando não acompanhado de mulher, mas que não procurava, pusillanimemente, esconder-se no anonymato, nem simular falsa pessoa, para evitar o escandalo que se pudesse fazer em torno meios, em dois mundos differentes, de sua personalidade. Vivia em dois com duas attitudes diversas, num permanente contraste comsigo mesmo. Mas que podia fazer? Muitas vezes procurara evitar, comprehendia a sua horrivel situação, conhecia as suas responsabilidades sociaes, entretanto sentia que era impellido para aquellas duas vidas em contraste, por um destino diabolico, uma fatalidade inevitavel que procurava transformar-lhe a existencia num eterno enigma, um verdadeiro mysterio, que elle proprio jamais conseguira desvendar. Por isso era um homem triste, constantemente em revolta, para quem certos deveres, contrahidos com a sociedade, impunham o surdo e absurdo imperativo de viver, e ainda mais: de viver dentro dos estreitos limites de umas tantas convenções sociaes.

— Isto é um captiveiro, uma desgraça irremediavel — repetia para si mesmo.

Certa vez, voltando de madrugada para casa, pensou em terminar com tudo aquillo. Era impossivel continuar. Reflectiu, porém: que se diria delle depois de sua morte? Que pensariam aquelles que lhe haviam confiado a vida, convencidos de sua superioridade como homem e como scientista? Fôra evidentemente impossivel, absolutamente impossivel.

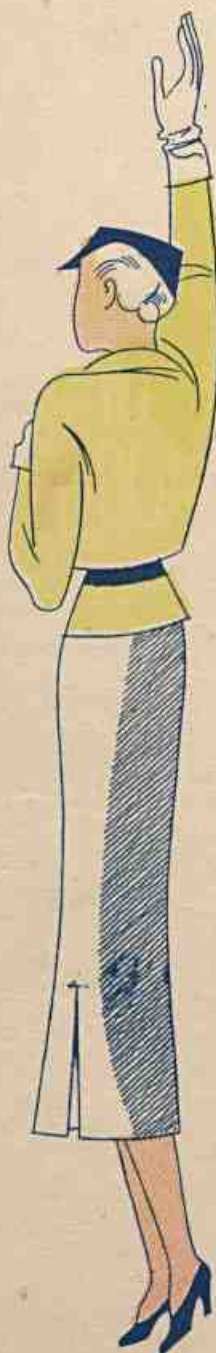
— Estou condemnado a viver para os outros — concluiu com profunda amargura.

Occorreu-lhe então outra idéa menos absurda: devia casar-se Antes, em verdade, nunca pensara em casamento senão para evital-o. Para que casar, si o seu casamento resultaria fatalmente em tortura para a mulher que a elle se unisse? Todavia, comprehendeu que chegára o momento de resolver a questão, pelo menos para mudar, de qualquer maneira, a sua condição de vida. Ademais, não lhe parecia difficil experimentar uma cousa que todos fazem, nem sempre com muito cuidado e receio. Havia perto de sua casa uma formosa moça cujas virtudes eram geralmente proclamadas por quantos a conheciam ou lhe conheciam a familia, que, de facto, era das mais respeitaveis. Havia muito tempo, admirava-a, numa contemplação muda e reverenciosa. Amava-a? Não sabia. E' certo que procurava constantemente evitar as opportunidades favoraveis a uma effectiva ligação sentimental. Para que, si um dia o demonio de seu destino...?

Resolveu, todavia, esquecer de tudo isto, e começou a pensar mais demorada e interessadamente na moça e no casamento. O desejo, quando fortemente determinado, é talvez mais do que o inicio de uma solução que se procura. O resto aconteceu como tinha de acontecer.

Seis mezes depois estavam noivos. Carlos de Azevedo sentia-se feliz. A noiva era um anjo: descobrira o caminho da felicidade. E o seu de-

INUTILIDADE

HELENA FURST

SOIS um nada e ao nada voltareis.

Caminhai para frente, procurando um estimulo, um fito na vida. E' a estrada que percorrestes foi sempre ardua, e andastes tanto e tanto... e nada fizestes.

Ninguem! E a caminhada, em sol ardente, cascalhos horriveis que torturavam os vossos pés. E as lagrimas que chorastes, regando a areia não aliviaram o caminho que percorrestes. E sempre andando, arrastando, algumas vezes sonhando, errante, seguistes a vossa Via Lactea. Tropeçastes nas pedras do caminho e contra ellas blasfemastes.

Mas, se as pedras foram as vossas companheiras, aprendei a querer-lhes bem e vêde que tambem sabem chorar que tambem sabem sorrir.

— Apenas uma, onde deixei confidencias, chorou e as lagrimas, avolumando-se num crescendo, assustavam aos caminhantes que sómente de longe a apreciavam. Tornou-se côr de ametista a pedra que, até hoje, jorra o sentimento intimo de meu coração.

— Já tendes uma amiga, alguem que vos comprehendeu...

— Não posso chegar mais proximo, impossivel se torna um desabafo para com minha confidente do deserto.

E a pedra ainda chora se libertando da historia triste que Vós contastes. E ninguem a escuta. Seria debalde procurar entender no sussurro das aguas o queixume de uma prece, o desespero de um coração. Apreciam-na de longe, como se fosse um quadro da natureza. Mas não se detêm contemplando-a. O bello é triste e, como atrai tambem aterroriza aos que insistem em sondar-lhe a causa, desvendar o segredo da caminhante desconhecida.

E continuaes infatigavel, na volupia de procurardes um estimulo para a vida, uma esperança neste terreno arido, em que só florescem tristezas.

E a caminhada é longa, ininterrupta. Nem ao menos uma planta para refrescar as vossas idéas. Tudo deserto. Areia queimando-vos os pés, recalcando as arranhaduras provenientes dos cascalhos. E queimando-vos as idéas, um temperamento ardente, ébrio de illusões e fantasias. Não desanimeis e continuae, mesmo arrastando-vos, cambaleante, á procura da terra da Promissão.

Tudo longe... tão distante de todos. Ninguem mais vos ouve. Nem mesmo o consolo de uma confidencia. Vossos olhos não sabem mais chorar. Palavras supplices e blasfemias queimam-se-vos na garganta, e a voz rouca, quasi extinta, nem mesmo por Vós é ouvida.

Clamais num deserto e, em vós, este deserto mora. Vossas idéas são falhas. E' vasio o sentimento vosso.

Procurastes agitação e apenas o "simoun" foi o testemunho vivo de vossa revolta.

Felizmente, deparastes uma esfinge. Talvez, como a ŒDIPO, se vos apresentasse um problema, mas o enigma de "como se alcançar a felicidade". Caso o decifrardes, tereis tudo no mundo e sabereis o destino de vosso coração. Não tenhais receio. Porque não decifrar a chave de vossa Vida?

Vencestes a sêde do deserto, a volupia da "Fonte dos Amores", a pedra que vos serviu de confidente. Tendes os pés sangrando e torturou-os tanto o calor da areia, o triturar dos cascalhos. E a tudo vencestes. Dominastes o pavor do "vasio" e vos livrastes tão bem do "simoun". Oh! não desanimeis. Chegai ao templo de Minerva e ella vos elucidará. E os pés sangrando, o corpo unido aos degráus, rastejando, lentamente se arrastando para o pincaro da gloria, para o vossa unica esperança. E lá chegastes. Levastes tanto tempo e nem vos apercebestes.

Um torpor exquisito se apossou de vossos membros. Querendo esclarecer o que dizia a Esfinge, num esforço supremo, conseguistes ouvir:

"Compadeço-me de Vós, criaturinha fragil. E vos poupo a vida, deixando ao vosso arbitrio o problema de encontrar a Felicidade. Seria difficil demais e não acharieis solução. Sou implacavel para os curiosos que não me comprehendem. Deixo-vos, porém, um conselho sabio: Não procureis a Felicidade num deserto e nem a julgueis de tão difficil posse. A "FELICIDADE" é simples. E' ingenua criança de cabellos de ouro e olhos de esperança. Julgando-vos feliz, contente, esta menina não mais vos deixará. Será a vossa eterna amiguinha. Não desprezeis a dôr alheia, mas não cultiveis a vossa propria "DÔR".

Decepcionada, acordastes sem obter a resposta que tanto idealizastes: Desvendar o destino, saber para que viestes ao mundo. Sahir deste anonymato que tanto vos aterroriza. Mas tivestes a chave do enigma e dependerá de Vós, unicamente de Vós, o querer ser feliz!

---

monio, que fim levára aquelle genio fatal perturbador de seu destino? Não queria pensar nisto. Era feliz e a felicidade que tinha lhe bastava.

Um dia, porém, os jornaes publicaram a noticia: "Segue hoje, pelo "Arlanza", para a Europa, o Dr. Carlos de Azevedo, etc."

Foi uma surpresa geral. Que teria acontecido? — perguntavam seus amigos, sobresaltados com aquella partida imprevista. E ás dez horas, quando partia o luxuoso vapor, uma linda moça, escondendo-se por traz da multidão que se comprimia no cáes, levando aos olhos, em lagrimas, as mãos ambas, num gesto de dor e desespero, murmurou quasi sem querer: — Miseravel!

Tambem a bordo, um homem chorava. Era a victima de uma fatalidade obscura, era o desventurado Dr. Carlos de Azevedo, que exclamava, naquelle mesmo instante, com o mesmo desespero daquella moça que elle não via em pranto no meio da multidão, mas em quem pensava angustiosamente:

— Que infelicidade, que desgraça, meu Deus!

Mas, como sempre, o destino foi mais forte, o destino venceu...

Quo Vadis, Domine?

Ha mil novecentos e trinta e cinco annos, nasceu na Judéa, na pequena cidade de Bethlém, uma creança que trazia a missão de salvar o Mundo.

Deram-lhe o nome de Jesus.

Descendente do ramo de David, ella teve como seu primeiro berço uma mangedoura da estrada. Era o seu primeiro exemplo de humildade aos homens. Ninguem poderia comprehender naquella epoca o milagre da sua vinda. Mas os destinos da Terra estavam traçados. A scena da mangedoura servia de fundamento a uma éra nova para a humanidade.

Annunciado, ha dois mil annos, pelos prophetas, Elle era o Rei dos Reis, sem roupas de setim, sem corôa de ouro, sem throno de marfim.

o
o o

Annos se passaram. Um dia, as aguas crystallinas do Jordão receberam o contacto do corpo d'Aquelle que seria o Mestre.

Era o baptismo. Symbolo de um convite aos homens para seguil-o...

— "Este é o cordeiro de Deus, que tira os peccados do Mundo", dizia João Baptista.

E baptisou-o.

A Judéa toda ouviu, dahi por deante, a palavra maravilhosa do Nazareno. Ella vinha destruir os alicerces de uma humanidade pagã, corrupta e devassa.

Era, ao mesmo tempo, um látego e um beijo. Elle procurou os humildes e os párias. Buscou entre pescadores incultos os doze apostolos. Resurgiram as doze tribus de Israel, nesses discipulos devotados.

o
o o

A' sua passagem desabrochavam as flores e reverdeciam os campos. Os passaros entoavam psalmos. Toda a Natureza sorria num deslumbramento.

Só o Homem o odiava. Só o Homem o apedrejava.

Mas o Nazareno tinha para todos um olhar de meiguice divina.

Não chorava aos insultos. Perdoava.

Doutrinava o Bem. Pregava o Amor. Ensinava a Caridade. — Amae-vos uns aos outros! Estas palavras fundaram o maior Codigo de egualdade humana. Era o socialismo christão que nascia dos labios do Mestre.

Perdoou a mulher adultera, porque ella muito amou. O peccado da carne santificava-se ao contacto das suas mãos heraldicas de justo.

Brincou com as creancinhas. Curou os doentes. Resuscitou os mortos.

Mas a luta contra os poderosos e os ricos era a bandeira da sua doutrina. Do alto da montanha dava aos homens as licções e os exemplos da humildade e da fé.

Revigorando os mandamentos do Sinai, gritava ás turbas:

— Não matarás! Não matarás!

— Amae-vos uns aos outros!

Hora a hora, augmentavam os seus adeptos, os fundadores do christianismo.

Um dia mataram-no.

Levaram-no ao Golgotha e crucificaram-no. E do alto da Cruz, escarnecido, zombado, injuriado, Elle, nos paroxismos do seu sacrificio incomprehendido, clamava ainda:

— Não matarás!

o
o o

Depois de ter vivido na escuridão das catacumbas, depois de se glorificar no martyrio dos seus apostolos, o christianismo resurgiu. Os povos da terra abraçaram-no.

Correram os seculos. E a humanidade continuou a se matar. Povos contra povos. Irmãos contra irmãos. Reis contra Reis. Nações contra nações. No crepitar das fogueiras, no horror das carnificinas, ecoava a voz celestial do Mestre:

— Não matarás!

Mas ninguem a ouvia. O milagre da mangedoura encheu-se de crepe. Os homens esqueciam a historia do Rabbi...

Os exercitos invocaram o seu nome para alcandorar a Morte. Collocaram a Cruz nos estandartes rubros que dominavam os campos da matança. E as quatro bestas do Apocalypse se precipitaram sobre o Mundo.

QUO VADIS?

Quasi dois mil annos nos separam do sacrificio do Rabbi. Ainda hoje a Terra se enche de sangue. Ainda hoje os homens se matam.

O crepusculo do Bem pesa sobre o Mundo.

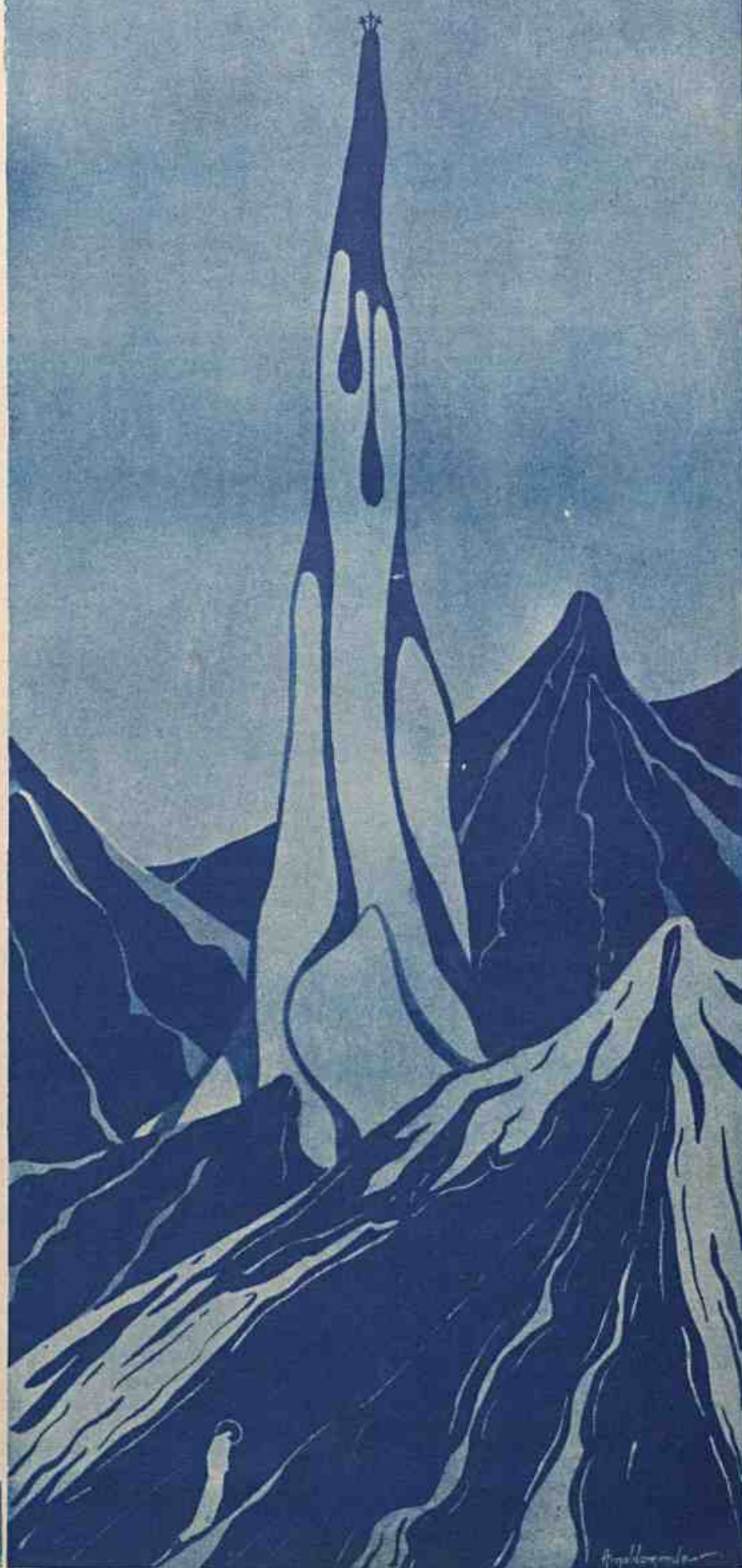
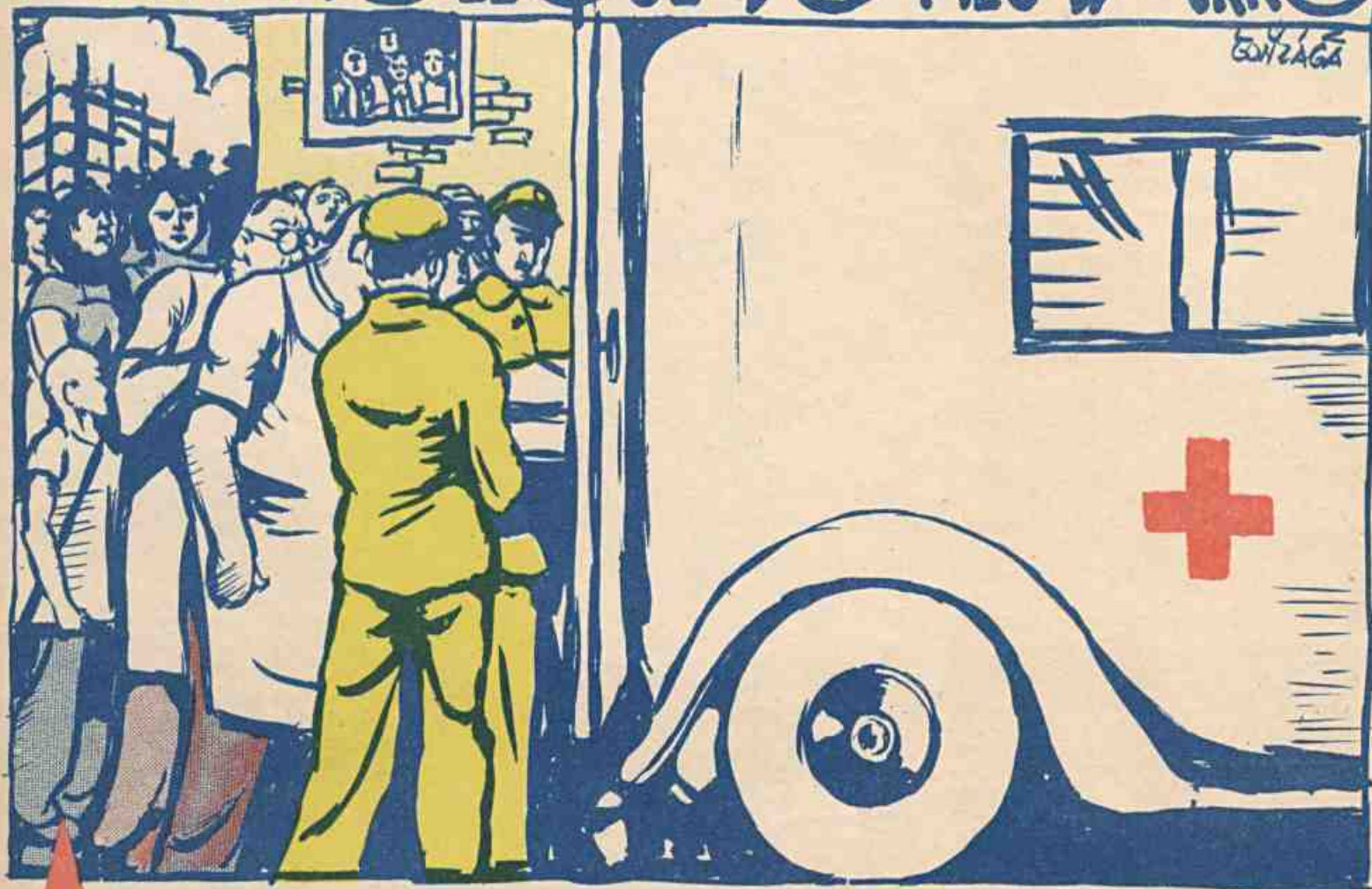
E na encruzilhada dos destinos humanos, o viandante anonymo encontra-se com o Mestre. O doce Nazareno vem triste, cabisbaixo, taciturno.

— Quo vadis, Domine?

O Mestre não responde.

Abre os braços, num gesto de desolação que abrange a immensidade dos horizontes escuros. E na téla dos espaços, desenha-se o martyrio inutil do Calvario...

— Quo vadis, Domine? insiste o viandante.

Novo silencio. O Mestre caminha, cabeça aureolada pela Dôr, lagrimas ardentes nos olhos macerados e desapparece na curva do caminho...

Americo Palha

A sua vida, moleque do meu bairro, devia ser descripta num romance. Mas num romance cheio de tragedia. Num romance cheio de miseria. Porque você tem soffrido. E bastante. Muito mais que os homens que se suicidam.

Você não se lembra mais dos dias em que você era um verdadeiro diabinho? Um diabinho que fazia o vendeiro da esquina sahir correndo, suarento, rogando pragas, atraz de você e dos seus companheiros de rua? E que tambem judiava do açougueiro, do padeiro, do sapateiro, e de todos os outros homens que trabalhavam no seu bairro? Você não se lembra mais das suas brincadeiras que todos diziam ser de mau gosto?

Quantas e quantas vidraças você não quebrou?!

Você era um verdadeiro diabinho...

Mas, tambem, você trabalhava. Trabalhava como homem grande. Porque ás vezes, debaixo de chuva, arriscando a vida na balaustrada dos bondes, você attendia a um freguez que lhe comprava jornaes. Ou ficava a tarde todinha engraxando os sapatos dos homens, você que nunca teve sapatos. E que nunca mais terá...

A sua vida é, mesmo, uma tragedia. Sim. Tragedia que levaria muita gente ao desespero. Mas você é forte, para pensar nessas cousas.

Ainda me lembro, e muito bem, daquella tarde em que um automovel atropelou você. Tão bem que me parece vel-o como se fosse numa tela de cinematographia, num film em que você fazia o papel de heroe. Porque, para mim, você é um verdadeiro heroe.

Naquella tarde, quando você foi atropelado pelo automovel, o vendeiro da esquina tambem correu. E tambem o açougueiro, o sapateiro, o padeiro e todos os outros homens que trabalhavam no seu bairro.

Mas não correram para dar em você. Não. Nem nos seus companheiros de rua. Correram para acudir você que tinha sido atropelado. E os olhos delles marejaram-se de lagrimas, ao vêr o estado em que você ficou. Elles que pareciam trazer um coração de pedra dentro do peito! Elles tambem choraram e disseram umas palavras de consôlo para você e para a sua mãezinha que parecia ter enlouquecido. Coitada! Quando o carro da Assistencia levou você, elles ficaram conversando a seu respeito. Que você era um bom menino. Um menino trabalhador. E nem siquer falaram das suas diabruras, dos tantos trabalhos que elles soffreram por causa de você.

Por isso, moleque do meu bairro, você a quem um automovel cortou as pernas, não tenha raiva dos homens do mundo. Não. Elles lhe querem bem, muito bem. E, para que você não soffra tanto, não pense mais nas suas diabruras, nem nos seus companheiros de rua. Porque você jamais poderá voltar ao que foi nem nunca mais poderá acompanhal-os.

Deixe que os outros levem você dentro desse carrinho, pedindo esmola aos homens que se compadecem do seu estado.

Pense, apenas, que você é um heroe, como aquelles que apparecem nos films de cinema. E deixe o mundo ir rolando, ir rolando, até que a morte venha tirar você desta vida. Até que se apague a sua vida que devia ser descripta num romance.

Mas num romance cheio de miseria. Num romance cheio de tristeza.

HENRIQUE MACHADO

Ministro Geminiano da Franca

General Vicente Gomez

Primo Carnera

Sylvio Vieira

Carlos Vivan

Hermes Fontes

Aqui apparecem os ultimos acontecimentos da ultima semana de 1935. 1936 vae começar. Que surpresas nos reservará elle? Aqui estaremos pcro, pela nossa pagina de synthese, trazer o leitor ao par, cada semana, do que fôr succedendo nos ultimos sete dias...

● Falleceu o Dr. Geminiano da Franca, antigo chefe de Policia do Districto Federal no Governo Epitacio Pessôa, e, posteriormente, ministro do Supremo Tribunal Federal.

● Falleceu o general Juan Vicente Gomez, presidente da republica da Venezuela.

● O navio "Discovery" partiu do porto de Melbourne para procurar o explorador Lincoln Ellswort, desapparecido nas regiões polares durante uma viagem de exploração, em Novembro ultimo. Dois aviões foram entregues a Hubert Wilkins para o mesmo fim. Wilkins é tambem explorador.

● Falleceu o escriptor francez Paul Bourget, membro da Academia de França e autor dos mais lidos no Brasil. São delle os livros "O discipulo", "Um divorcio", "O demonio do meio-dia", "Um coração de mulher", "Mentiras", etc.

● Obtiveram grande successo no mercado londrino os charutos brasileiros, lançados 50 % mais baratos que os congeneres cubanos. O facto de estarem acondicionados em papel cellophane causou optima impressão. Os inglezes prometteram ficar freguezes...

● Em Sofia, um ancião contando 110 annos, declarando-se cançado de viver, tentou suicidar-se com um tiro de fusil. A bala, porém, feriu-lhe apenas de leve a cabeça, produzindo uma escoriação sem gravidade.

● O Almirante Protogenes Guimarães, Governador do Estado do Rio, creou um sello denominado "de Educação e Assistencia", para substituir, nos papeis officiaes do Estado, o sello de "Educação e Saude Publica", que em 1936 vae ficar restricto aos documentos de caracter federal. O sello é de 200 réis.

● Para se defender das sancções que lhe estão sendo impostas, a Italia toma medidas energicas. Ainda agora as creanças italianas tiveram que entregar ao governo todos os seus brinquedos de ferro: velocipedes, patins, etc., para serem fundidos e aproveitados nas industrias de guerra.

● Continuam as offertas de ouro ao governo italiano, para occorrer ás despesas de guerra. O principe de Piemonte doou á patria 4 ½ kilos de ouro em barra. Primo Carnera offereceu todas as suas medalhas. Até agora foram arrecadados 62 kilos do precioso metal em 150.000 allianças de casamento.

● O Senado da França votou e approvou o conjuncto do projecto de dissolução das ligas fascistas, por 207 votos contra 84.

● Descobriu-se uma vultosa falsificação de sellos do consumo, nesta Capital. Estão envolvidos no caso, que está em mãos da Policia, o major aviador reformado Carlos Chevalier e o cantor Sylvio Vieira, do broadcasting e do cinema nacionaes.

● Eloy Pontes, critico literario de "O Globo", e escriptor de meritos reconhecidos, acaba de publicar "A vida inquieta de Raul Pompeia", em que faz o relato e o estudo do grande autor do "Atheneu". O livro tem feito successo.

● Esteve a ponto de perecer afogado, na praia de Copacabana, o conhecido "astro" Carlos Vivan, que trabalhou em "Noites Cariocas".

● Chegaram ao Rio, devendo continuar a viagem para o interior do paiz, o Sr. D. Pedro de Orleans e Bragança e sua familia. D Pedro é neto do nosso ultimo imperador, D. Pedro II.

● Foi concedido, em caracter posthumo, ao padre capuchinho Mario Brughera, conhecido por Padre Ignacio, nome que adoptou ao receber ordens, um premio de 25.000 liras destinado ao mais bello acto de altruismo. Esse religioso serviu, até á morte, os leprosos do leprosario de Canna Fistula, no Ceará.

● Foi transferida para Janeiro a inauguração no jardim do Passeio Publico do busto do poeta Hermes Fontes, homenagem dos admiradores do autor da "Fonte da Matta".

● Falleceu o revd. D. João de Almeida Fernão, bispo da diocése de Campanha.

La Léjane demonstrou, que a mulher possue tanto sentimento artistico, como o homem.

A mulher e o mundo moderno

Por DE MATTOS PINTO

A concepção da inferioridade feminina, partiu da sociologia canonica, que legou á legislação civil, a fantasia biblica dos seus postulados. Deve-se a São Paulo, a philosophia da subordinação da mulher: "O homem é o senhor da mulher. O homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. E o homem não foi creado por causa da mulher, mas a mulher foi creada por causa do homem". Essa doutrina fez Ostrogorski dizer, que "o Direito Canonico não perdoou á mulher ter seduzido Adão". Desde o berço da vida, que nós sentimos a força insinuante da alma feminina, triumphadora na sua predestinação amorosa, *irresistivel* na magia da sua vida civil, onde ella se occultou para melhor vencer o homem. A historia do feminismo, não é mais do que a historia da luta immemorial, de uma potencia invisivel, mas perenne, contra a arrogancia do genero masculino.

AS VARIAÇÕES DO PRESTIGIO FEMININO

O influxo do feminismo se confunde com a historia da especie humana. Sem evocar a magia e a seducção do amor, onde Schiller viu um dos grandes estimulos do progresso, verificamos atravez da evolução dos povos, que nem sempre viveu a mulher, como subalterna do marido e como martyr das leis. Na eternidade do captiveiro social, que lhe denegou direitos publicos, lampejaram hiatos de luz e de regalias. Se na Papuasia, em algumas tribus da Africa e da Oceania, o homem gozava do direito de castigar a mulher, matar e até comer a companheira, conforme relatam Pritchard, Waitz e Codrington, nem sempre occorreu o mesmo, com todos os povos antigos. Chypre, Creta, Lemnos, Scythia, Liguria, Chaldéa, Egypto, conheceram épocas historicas, onde as mulheres conviviam ao lado do homem, como creaturas eguaes e livres. Na alta antiguidade, um exercito feminino de Scythia, invadiu as regiões da Cappadocia, da Thracia e da Thessalia, sitiando Athenas. Durante as guerras punicas e por occasião da travessia dos Pyreneus, o guerreiro Annibal e as suas tropas, encontraram mulheres armadas. Na Chaldéa, ellas usufruiam dos mesmos direitos juridicos, combatiam ao lado dos homens em Chypre, e governavam na Liguria. Na vida social de Lycia, os homens pediam á mãe, o nome principal da familia. O depoimento de Herodoto nos ensina, que os filhos da mulher livre casada com o escravo, tambem viviam livres. Ao homem não se concedia o mesmo privilegio. O matriotismo predominava na Grecia primitiva, sobre o patriotismo. Em certa epoca, Aristoteles chamou a attenção dos maridos gregos, contra o despotismo feminino. Dumont d'Urville, D. de Rienzi e P. Gide, falando das mulheres das Indias Occidentaes, da Ilha Tonga e da Ilha Marianna, contam que ellas trabalhavam com o homem, navegavam nas pirogas, faziam a guerra, deliberavam nos conselhos publicos.

O FEMINISMO NO TEMPO DOS PHARAÓS

Musonio disse algures, que si a mulher possue o direito á virtude, deve gozar do mesmo direito quanto á liberdade. Nenhum outro povo da alta antiguidade, comprehendeu e praticou melhor tal sabedoria, do que o povo do Nilo. Na legislação do Egypto, o ente feminino sobrepujava o homem, na vida do lar, onde reinava como senhora quasi absoluta. A mulher não era propriedade do homem, nem a esposa escrava do marido, nem a filha instrumento do pae. A graça e o poder feminino imperavam. Relatou Herodoto, que os Egypcios empregavam de preferencia as moças, na administração dos bens da familia. Como o homem, a mulher vivia livremente, na posse dos direitos civis, politicos, religiosos, em tudo semelhante á personalidade masculina. Mesmo na vida conjugal, a mulher conservava a sua emancipação juridica. A civilisação dos Pharaós, respeitou á liberdade do matrimonio e facilitou á esposa o direito de repudiar o conjuge masculino. G. Teulon vislumbrou na Egypcia, a condição de uma verdadeira dona de casa. A lei reconhecia na viuva, uma pessoa liberta, senhora de si propria, podendo contrahir nupcias a vontade. A' familia do esposo morto, o legislador não concedeu direito algum de mando. Letourneau notou bem, que nenhum outro paiz organizou o casamento, deixando ás mulheres uma liberdade comparavel á da esposa egypcia. Era reciproco o direito do repudio conjugal. Em certa phase da civilisação das Pyramides, no reinado de Ergete II, a legislação chegou á condescendencia excessiva, de attribuir á mulher casada, a regalia de abandonar o companheiro, mesmo sem motivo, quando lhe agradasse. A magnanimidade feminista do Egypto, attingiu o maximo da jurisprudencia, quando reservou exclusivamene, á esposa, o direito de repudiar o companheiro. Os historiadores se referem a um contracto matrimonial, onde o conjuge masculino consentia á mulher: — "Só tu poderás ir embora". Herodoto, Diodoro, Revillout, Letourneau, Paturet, Montesquieu, e outros, todos elles proclamaram a excellente condição da mulher na civilisação egypcia. Charles de Secondat de la Bréde, barão de Montesquieu, commentou: "E' contra a razão e contra a natureza, que as mulheres sejam soberanas na casa, como se estabeleceu entre os Egypcios. Mas não é que ellas governem um imperio. No primeiro caso o estado de fraqueza em que se encontram, não lhes permitte a preeminencia. No segundo, a sua propria fraqueza lhes dá mais doçura e moderação, o que pode fazer um bom governo, antes que virtudes duras e ferozes". Mais feministas do que todos os povos modernos, os Egypcios envolveram as creaturas do sexo gracioso num halo de liberalismo, que hoje nos parece abusivo e anormal. Maspero falou de um papyro, onde se liam recommendações ao marido, conselhos insinuantes ao conjuge masculino. Traduzindo o espirito publico do Egypto, quanto ao feminismo, revelando a excellente posição da mulher, o papyro exhortava: "Ama a tua mulher, sem rixas. Nutre-a, enfeita-a. E' o luxo dos seus membros. Perfuma-a, alegra-a durante a vida toda. E' um bem que deve ser digno do seu possuidor". Letourneau nos garante, que até o regimen greco-macedonio, a mulher era egual ao homem. Só com as invasões estrangeiras, que trouxeram comsigo preconceitos juridicos e religiosos, desconhecidos na civilisação do Nilo, operou-se no Egypto, a tendencia para subordinar a graça feminina, á supremacia do homem.

Madame Recamier, cuja belleza reinou no seculo XVIII e influiu sobre a alma de Chateaubriand.

DURANTE A EDADE-MEDIA

No seu estudo de legislação comparada, observou Gide, é que o homem perde o sentimento e a noção da dignidade sempre que a mulher se vê prisioneira da barbaria juridica. A maior ou menor servidão do sêr feminino, que J. Alex de Ségur chamou a nossa segunda alma, a sua maior ou menor liberdade, fluctuou sempre com os relampagos e os declinios da intelligencia social. "A subordinação social das mulheres, confirmou John Stuart Mill, surgiu como um facto isolado, no meio das instituições sociaes modernas. E' uma lacuna unica no seu principio fundamental. E' o unico vestigio do velho mundo intellectual e moral, destruido em toda parte, mas conservado em um só ponto, aquella que apresenta o interesse mais geral". Pode-se acompanhar os hiatos e as erupções do feminismo, atravez da historia da humanidade, atravez dos seus crepusculos economicos, e das revoluções moraes, que transfiguraram o espirito das nações. Na Arabia e na Syria, as mulheres viveram sem duvida nenhuma, num estado civil e politico inferior. Mas a servidão era amavel, o homem acariciava e respeitava os seus encantos. Gozavam pelo influxo do coração, uma preeminencia suave e adoravel. Ellas laboravam com os maridos, percorriam como companheiras livres, a immensidão do deserto, batalhavam com elles á sombra dos oasis. Com a vinda de Mahomet, cujo Alcorão deprimiu e escravisou a mulher, concedendo ao esposo o direito de espancar, a personalidade feminina se desfez, cahindo sob a suzerania marital. Prégava Mahomet, que as mulheres virtuosas devem ser obedientes e submissas. Edouard Laboulaye e Ostrogorski, como tantos outros pesquisadores da legislação comparada, nos mostram a mulher sempre inferior e vassalla, no direito civil da Edade-Media. A sua liberdade, se alguma ella possuia, era reguiada pelo pae e pelo marido.

A FORÇA INVISIVEL E PRESENTE

Falando da influencia feminista, Edmond e Jules De Goncourt viram na mulher "o principio que governa, a razão que dirige, a voz que impera". Os irmãos Goncourts lhe attribuiram mesmo, uma acção quasi infinita: "Ella é a causa universal e fatal, a origem dos acontecimentos, a fonte das cousas". Charles Letourneau confessou, que nenhum progresso serio e duravel será possivel, se a mulher não participar da actividade publica. Fourier queria vêr todo cargo publico, preenchido conjuntamente por um homem e uma mulher. Por que despojar o ser feminino do hausto da liberdade? Por que não confessar publicamente, a realeza de uma suzerania, sob cujo imperio subtil, sempre viveu o coração do homem? "Mas desse circulo estreito, onde as leis a occultaram, confessou Paul Gide, a influencia da mulher se expandiu como por secretos canaes, se propagou pela sociedade inteira. Tanto mais inevitavel, quando se exerce na sombra, tanto mais irresistivel, quando não emprega jámais a força e o constrangimento. Ella intervem *invisivel* e *presente*, em todos os grandes acontecimentos da vida dos povos". O mundo começa a sentir economicamente, a força visivel e real da mulher, que as legislações reprimiram para garantir a hegemonia ficticia do homem. O seculo XX contempla, o tardio crepusculo, de um velho mundo derruido.

Madame de Stael, cujo estylo dominou a literatura e que desafiou a inimisade de Napoleão.

Sarah Bernhardt, uma das mais altas personalidades femininas da arte, no papel do Duque de Reichstad.

FELIX PACHECO

Por BERILO NEVES

Vi-o no seu caixão preto, coberto de dahlias e de lagrimas. Pelo tamanho physico, dir-se-ia uma creança, pelo que fizera, um gigante, que acabava de acolher-se aos braços immensos da Morte...

Deante desse caixão pequenino, desfilou o Brasil enorme. A Nação debruçou-se sobre o seu cadaver, que, como o de Julio Cesar, resumia uma época, e synthetizava um mundo. Por um momento, todos sentimos que o coração da Patria se immobilizara, num colapso de angustia.

Ali estava, frio e inerte, o batalhador de 40 annos. Ali, o que ascendera de revisor a Ministro, de *reporter* a Senador da Republica. Quanto trabalharam aquellas mãos nervosas, tão habeis no manejo dos livros e dos homens!

O que aquelle cerebro ditara, em quasi meio seculo de actividade incessante!

A Poesia fôra a sua grande enamorada. Deixara-a, ás vezes, pela Politica, pelo Parlamento, mas, logo depois, como arrependido, voltava a acolher-se nos seus braços eternos. Escrever era a sua grande volupia. Tinha a letra fina, minuscula, trabalhada com primores de artista oriental. Rever provas era o seu grande acto lithurgico.

Amava os livros com um amôr feito de profunda, intraduzivel humanidade.

Os livros eram a sua segunda Familia — e todos sabem como Felix amava a sua Familia!

O cheiro de tinta fresca entrava-lhe pela alma como uma essencia fina. O ruido secco das linotypos era a sua musica predilecta...

Felix foi, muitas vezes, incomprehendido pelos seus contemporaneos. Raros, os que penetraram a intimidade da sua alma. Mas, para esses, como se mostrava translucida e simples, essa alma delicada, cheia de temores como a das creanças, e de bravuras, como a dos soldados! Elle tinha o pudor da intelligencia — o mais raro e subtil de todos os pudores.

Parecia frio — e era enthusiasta como poucos. Parecia secco — e no seu coração floriam todas as sensibilidades! Soffreu muito porque o o entendiam pouco.

Desde "Via Crucis" sua obra poetica foi uma affirmação de revolta e de affecto, de rebeldia e de amor.

O soneto "Extranhas lagrimas" é um depoimento psychologico definitivo.

E' uma das obras primas da nossa literatura. Bilac poderia assignal-o sem deslustre.

Sua belleza atira para um segundo plano o Fèlix polemista, o Felix politico, o Felix homem de Estado. Que valem quatro annos de Itamaraty em face desses quatorze versos de bronze?

E' a victoria do espirito, sobrepairando a todas as formulas e convenções humanas. E' a emoção feita belleza, o amôr feito rythmo, a verdade feita rima...

Felix morreu formosamente porque não renunciou, nunca, aos seus sonhos de moço.

Foi artista, do tumulo ao berço, passando pelas mais altas posições a que a vaidade humana pode aspirar. E porque viveu como um artista, Felix morreu como um santo...

HOMENAGEM — *Ao professor Abelardo Britto, notavel odontologico, o directorio academico da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro, outorgou o titulo de Presidente Honorario. Trata-se de uma homenagem excepcional dos moços e prestada pela primeira vez a um professor de escola superior.*

NOIVADO — *A data de 16 de dezembro ultimo foi assignalada nos meios sociaes com o noivado da Senhorinha Eunice Ribeiro com o Sr. Socrates Gondim. Damos acima as photographias da noiva, que é filha do escriptor Domingos Ribeiro e de D. Hercilia Ribeiro, e de Gondim, que é o apreciado photographo tão querido e popular nos meios artisticos da capital.*

A GURYSADA EM FESTA... — *A gurysada homenageando o seu amiguinho Arnaldo Rezeilhau Moreira, por motivo de seu anniversario natalicio, vendo-se o anniversariante presidindo a mesa de gulodices na hora H...*

Scenas da vida gaúcha

MINHA TERRA!

Respirei com força o ar puro que me encheu os pulmões e abrangi num olhar a paizagem accidentada e pittoresca dos campos de Cima da Serra. Fazia tempo que não vinha á estancia e sentira falta da vida ao ar livre, cheia de imprevistos e sensações.

Ao contacto do scenario onde parte de minha infancia se escoara, voltou-me a seiva da meninice. Percorri satisfeita o casario, os galpões, as mangueiras, o potreiro de trevo e joá, volta e meia com um tufo de macéga ou carqueja, quebrando a uniformidade verde da coxilha. Os capões, verde-escuros, destacavam-se fortemente nas ondulações dos campos dobrados.

A' noite contemplei os arredores. Confundindo-se com as luzes intermittentes dos vagalumes, vi muito ao longe as luzes das tres cidades vizinhas: Cruz Alta, Tupaceretan e Julio de Castilhos.

Esta, a antiga Villa Rica, é cheia de evocações para nós. Lá está a RESERVA, a casa velha e ancestral, o solarengo recanto da familia de Julio de Castilhos.

RESERVA! E' todo o passado que resurge nesta palavra! Fôra a estancia da minha familia materna, desde epocas remotas. Lembrei as historias que contava uma velhinha de 90 annos, escrava de minha avó.

* * *

"Naquelles tempos era tudo bem differente. Eu fui dada á sua avó, a siá Cassia, para companheira de brinquedos.

Nos dias de festa, ou quando o "seu" Julio — seu tio, o que foi governador — trazia os amigos, era um corre-corre lá em casa! As escravas mexiam as panellas na cozinha, fazendo os quitutes cujas receitas se transmittiam de familia em familia...

Nos dias de baile as moças vestiam os trajes que vinham da Côrte, com sapato egual! As fivellas e os enfeites da cabeça eram de brilhantes, de brilhantes, mesmo! — repetia, sacudindo a cabeça tremula! — As commodas de jacarandá estofavam de tanta cousa bonita!

As salvas de prata, grandes e pesadas, eram trazidas por dois escravos que "arrodeavam" a mesa, emquanto os outros serviam os vinhos. Era um rôr de gente o dia todo! Almoços e jantares reuniam em Villa Rica os maiores homens do Rio Grande.

E os annos se passaram naquella vida... Chegou o dia dos libertos... Sinhá Cassia casou... acabei morando com a mãe Joaquina... concluiu, baixinho.

— "Ainda me lembro, tia Luiza, quando vieste morar comnosco..."

— "Pensa que eu esqueci? Vocês "tudo", bem pequeno, foram visitar a gente lá naquella miseria... E quando ella morreu, a Sinhá — sua mãe e boa como a della — me trouxe para esta casa onde sou tão feliz... Já ando cansada, velha, não presto para nada...

Um protesto geral obrigou-a a rir. Com profunda emoção a geração nova contemplou a figura do passado, encanecida, tropega, a cabeça coberta por um panno branco a contrastar com o preto luzidio do rosto enrugado.

As mãos engelhadas e sulcadas de veias estenderam-se para a pequenina Martha, a quinta geração que ella alcançava, e dos olhos cansados brotou o pranto.

— Que é gente? Olha, tia Luiza, eu vou escrever tudo isto! Teu nome vae para o jornal...!

Ella sorriu, enxugando as lagrimas com as costas da mão, resmungando:

— "Deixa de bobagens, menina..."

E esta scena veiu-me á memoria, vendo com o pensamento esses logares que aprendera a conhecer com o coração, atravez das palavras da velha escrava.

* * *

Os peões reviram, contentes, a cavalleira temeraria que os acompanhava aos rodeios, e ajudando a apartar, em disparada pelas coxilhas. Era sempre uma ouvinte incansavel, ficando longas horas ouvindo contar os "causos", presa á linguagem interessante e curiosa dos gauchos.

Caminhando, passei pelo galpão e lá estava o Sr. Cabral, o maior contador de vantagens que vi por lá. Vendo-me, tocou na aba do chapéo.

— "...dia!" exclamou.

— "Olá, Sr. Cabral! Que veiu fazer por estas bandas?"

— "Donasinha de uns potros... Espere um pouco, dona, que estou acabando de contar uma pescaria". Voltou-se para os companheiros, que estavam matteando, e concluiu: "Pois é como les digo, o dourado andava lá pelos 3 ou 4 metros, qu'inté periga a verdade, seu!"

Accentuando a expressão com um olhar bravio, desafiou a assistencia silenciosa, batendo na guayáca e tapeando o chapéo sobre os olhos. Voltou-se para mim, que assistia á scena, risonha, e disse, cortezmente:

— "A's ordens, dona".

Sahiu em direcção á mangueira onde os potros corriam em circulo, relinchando e aspirando o ar com violencia pelas narinas dilatadas, sacudindo as crinas. Com a chegada delle notou-se uma inquietação na tropilha. Perturbaram-se, misturando-se uns com os outros.

O velho Cabral, desenrodilhando o laço, marcou com o olhar o alvo e, girando-o velozmente sobre a cabeça, atirou-o qual uma flecha na direcção de um magnifico zaino. O laço fechou-se sobre o pescoço, resistindo aos corcovos e empinos do animal enfurecido.

Os peões rapidamente ensilharam-no, apesar dos coices e das dentadas.

O domador chegou-se, passando a mão pelo pescoço, alisando-o, murmurando confusamente, emquanto o animal tremia, arisco, com os olhos alarmados. Apanhando-o desprevenido, montou de um salto, firmando-se nos estribos, dominando-o de sahida. Abriram a porteira, o **pingo** sahiu numa carreira desenfreada, parando bruscamente. O pulso de ferro soffreou o impulso que devia atiral-o ao chão. Ahi desandou, então, de relho sobre o potro á direita e á esquerda, emquanto elle juntava as patas em arco, no ar.

Sahiram dois homens a galope da mangueira de pedra e encostaram no redomão, amadrinhando-o. Depois de umas carreiras cegas, voltaram para casa a trote largo. Findara-se o primeiro contacto de um potro com a civilização...

* * *

Com varios dias de antecedencia vae um "proprio" avisar nas estancias vizinhas que em tal noite haverá baile, na estancia do Sr. Fulano.

No dia, uma agitação é o preludio da festa. Vêm os gaiteiros e os violeiros tocando polkas, mazurkas, rancheras e valsas.

Os homens, com as botas espelhando, "de ponto em branco", curvam-se deante das damas e rompem o baile! Dura até altas horas em crescente enthusiasmo.

Dansas curiosas e typicas, entre ellas a "tyranna" e a "chimarrita" — a mais usada, porém, é a "polka de relação": pára a musica, elle recita uma quadrinha sempre amorosa; ella responde, sempre um tanto malcreada... e recomeça a dansa.

* * *

Quem dorme a sua primeira noite na campanha impressiona-se com um grito de alarme. E' o quero-quero! Este passaro, que devia ser o nosso symbolo, é "a sentinella perdida do meu pago", no dizer feliz de Vargas Netto. Sempre attento, não ha ruido insolito, nem "indio vago", que escape á sua vigilancia.

E' um passaro pernalta, elegante, preto, branco e cinza, de bico vermelho, com um esporão na asa — sua arma de defesa.

Tem um **truc**, como qualquer ser humano. Para impedir que lhe ataquem o ninho, canta mais adeante, do lado contrario, para despistar... Si o atacante insiste vôa baixo e rasteiro, com o esporão em "pé de guerra"...

Durante a noite, elle desperta os adormecidos, em sobresalto, com o seu grito agudo e penetrante.

Caracteristica de nossos campos é a silhueta solitaria do umbú! Arvore copada, com a folhagem escura, é percebida a distancia, isolada.

A tapera é a expressão de maior tristeza que se póde encontrar no R. G. do Sul.

Nada mais resta do passado. As ruinas, invadidas pela vegetação, conservam, por vezes apenas os vestigios do que passou. E' frequente lá encontrar-se, apenas, um gato — ultimo sobrevivente, — a fitar os intrusos com as pupillas redondas e hostis, zeloso das reliquias que guarda.

Não póde haver desolação mais acabada! Talvez seja esta a razão por que o Sr. Cabral — domador e "queimador de campo" (euphemismo que substitue o que diz o contrario da verdade...) vendo-me pensativa, uma tarde, exclamou: "Ué, D. Carmen! Vancê hoje tá triste que nem gato em tapéra!"

* * *

E' bem sabido o amor do gaúcho pelo seu cavallo, seu companheiro, seu amigo. O pingo, o flête, é objecto de seus cuidados, de sua attenção.

Poucos sabem, porém, que o cavallo quando morre volta a cabeça para a querencia — seu logar natal — num ultimo adeus...

* * *

Dia de marcação é dia de muito serviço na campanha. Os vizinhos vêm ajudar e de manhãsinha os grupos se afastam para os differentes rodeios.

Os cavalleiros sahem a galope, em cada invernada, chamando o gado com um grito caracteristico. De todos os lados vêem-se rezes correndo para o ponto marcado. Depois de reunidas, começa o aparte.

O **sinuelo** — gado manso que fica a um lado para attrahir as rezes apertadas — nem sempre o consegue e poucas são as que lá chegam por bem. Em geral, despenham-se pelas coxilhas ou pelo pampa á fóra, a toda a brida, perseguidas pelo gaúcho que lhes acompanha a corrida, gritando e agitando o braço com o laço ou as boleadeiras.

Depois vem o grupo, a trote, cuidando a tropa, assobiando de vez em quando, quando ella quer dispersar-se.

As marcas já esperam no fogo em brasa.

Apertam o gado no "tronco", pondo paus atravessados para que não possa recuar. Vem a marca rubra, incandescente, e, ao sentar no couro, chia, espalhando um cheiro de carne queimada. O animal estrangula um berro de dôr, babando-se, dando coices, apesar da compressa fria immediatamente applicada, e vae aos pinotes quando abrem a sahida.

* * *

Um estylo para carnear — um laço nos chifres e outro nas patas trazeiras que esticam até o animal ajoelhar. Approxima-se, então, um homem que lhe enfia a faca no sangrador.

A rapidez com que tiram o couro e separam a carne é assombrosa. Pouco depois a carne enfiada em espetos e rigorosamente temperada transforma-se em saboroso churrasco. Outra forma gôstosa de comel-a é assada com o couro.

* * *

Assisti uma scena impressionante. Estava deitada na rêde, á simbra de enormes synamomos do Texas quando recolheram o gado leiteiro, á tardinha. Um dos touros que vinha á frente, farejou o chão e deteve-se na poça de sangue coagulado, onde se carneara. Levantou a cabeça e um berro prolongado cortou o ar; o resto do gado approximou-se, formando em circulo e juntou os seus mugidos, côro nostalgico e profundamente sentido.

* * *

Uma tarde o nosso grupo reuniu-se perto do banheiro carrapaticida, onde seriam banhadas umas centenas de rezes.

O gado, reunido no mangueirão, pisoteava, impaciente. A primeira leva entrou no **brête**, — o touro que devia ser o primeiro, um magnifico Durham, deteve-se hesitante á beira da agua negra. Os peões, com a picanha, iam introduzindo mais animaes congestionando o recinto acanhado, forçando o mergulho.

Cahiu fragorosamente na agua, respingando as paredes altas. Nadou, bufando, com os olhos arregalados, até alcançar o outro lado. Lá ficava a mangueira onde esperavam o escoamento do liquido antes de serem soltos. Berros e mugidos ouviam-se de todos os lados numa cacophonia indescriptivel.

Ao lado arma-se um "fogão", de chaleira ao lume — o chimarrão corria de um para o outro.

Ouvia-se uma seriema cantar na sanga.

Prolongou-se até meia noite. Montámos a cavallo, uns dezesete, e voltámos ao **tranquito** para casa.

A noite estava escura — via-se debilmente um pallido clarão atraz de um rolo de nuvens indicando que a lua sahiria tarde.

Ouvia-se apenas o bater dos cascos e o mascar dos freios de prata, cadenciando a marcha.

A hora tardia e o ambiente tranquillo impunham silencio.

Repentinamente ouviu-se uma voz, cantando uma toada campeira, melodia caracteristica dos nossos gaúchos, que entrava pela alma de cada um.

E parou sómente quando avistámos, no horizonte do pampa, as luzes da casa.

O ambiente mudou, ouviram-se risos e conversas, e com um grito unisono, os cavalleiros puzeram-se a galopar.

Pouco depois a luz rompe a escuridão.

* * *

E assim escoaram os dias para mim, tão intensamente, que hoje, á distancia, parece-me tornar a vivel-os!

Vejo, ainda, o **fogão** onde os gaúchos se reuniam, tomando matte ou picando fumo, atirando para o ar a fumaça azulada do creoulo.

Em cada um daquelles homens destemperados, de bombacha larga, manga arregaçada, lenço ao pescoço, tirador e guayáca, adaga á cinta, botas empoeiradas com as esporas em riste, chapéo desabado sobre os cabellos a cahir pela testa queimada de sol, vibrava a alma da raça.

Fôsse na descripção de uma guerrilha, em que os olhos fugiam como o aço das lanças, enthusiasmando-se com as narrativas heroicas de ginetes em flêtes largados por pampas e coxilhas, acompanhados do estralejar do pala ou do poncho á ventania e com o chapéo tapeado, descobrindo o rosto energico, do barbicacho preso ao queixo — fosse na historia ingenua e simples dos amores com as chinócas singelas, ao som de cordeonas e violas, evocando nostalgias distantes, era sempre o espirito e o coração do farroupilha de 35 que palpitava atravez dos tempos!

E esta é a minha terra, este é o Rio Grande, leal e sincero, que recorda, saudoso, o seu passado épico, heroico e vibrante!

CARMEN DE R. ANNES DIAS

Um churrasco gaúcho

A AVIAÇÃO ITALIANA ORGULHO DE UMA NAÇÃO

Por occasião da inauguração do Corso Orione na Academia Aeronautica, o Duce responde á saudação dos alumnos da Academia, quando estes desfilavam.

Mussolini visita um apparelho civil para transporte de passageiros.

Esquadrilhas de caça da aviação italiana em vôo, ao crepusculo.

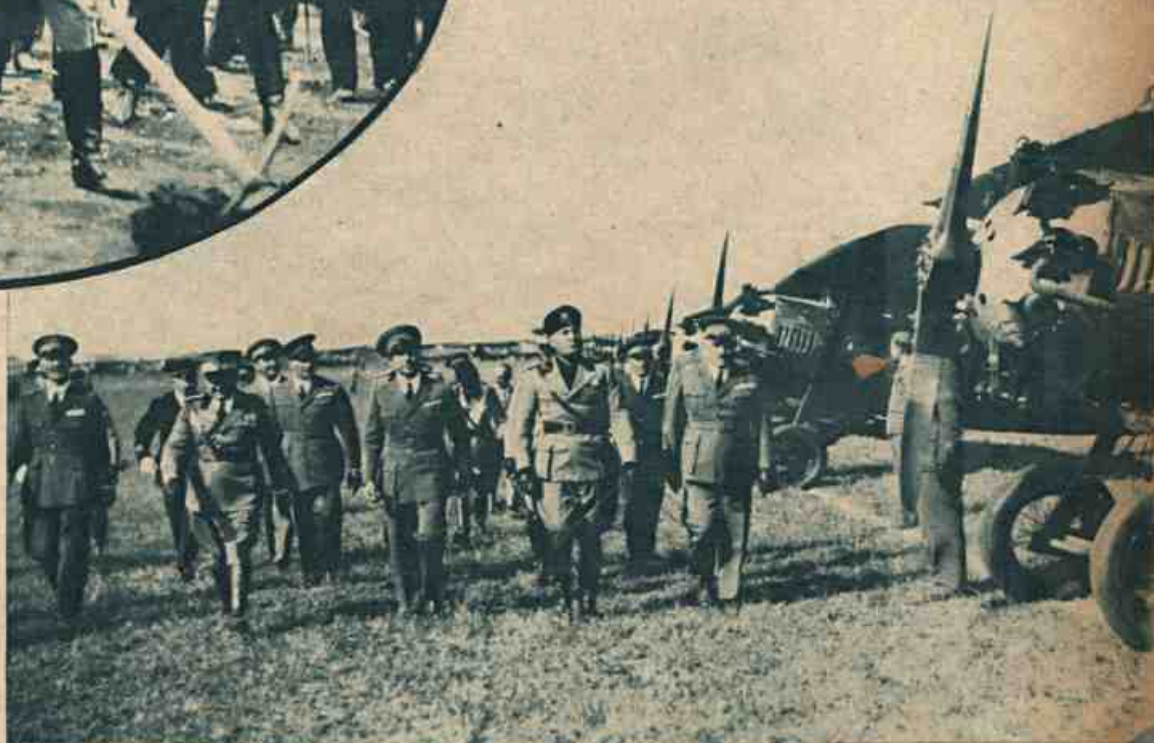
Esquadrilhas de aviões de caça em vôo collectivo de exercicio.

A fundação de Guidonia: o Duce abre na terra o marco para fundação da nova cidade.

Mussolini passa em revista os apparelhos que participaram dos exercicios de bombardeio.

O BRASIL DE LONGE

CONCURSO PHOTOGRAPHICO

Nesta pagina reproduzimos as 8 restantes photographias das 15 seleccionadas em 4ª apuração deste concurso. Os remettentes foram premiados com um exemplar do livro de Heitor Moniz *"Na côrte de Pedro II"*.

COQUEIROS — Praia da "Ponta de Matto", em João Pessôa, com suas choupanas e, ao longe, a "cambôa". (*Rem. de J. Santos Coelho Filho — Paranahyba*).

PHAROL — O poderoso pharol de Olinda, na praia da velha cidade. (*Rem. de Cecilio P. de Oliveira — Pernambuco*).

PRAIA DE CAIOBÁ — Recanto da costa sul do paiz, no Estado de Paraná. (*Rem. de Edwin H. Hime — Rio*)

O BAR DAS MONTANHAS — "Bar Paranapiacaba", no alto da serra paulista, caminho do mar. (*Rem. de David P. da Matta — S. Paulo*).

CURITYBA — Vista parcial da Praça Santos Andrade, destacando-se aos lados o Correio e a Universidade. (*Rem. de Santiago B. Machado — Paraná*).

VASSOURAS — Vista parcial do jardim publico da pittoresca cidade fluminense (*Rem. de Luiz Gomes Bessa — Rio*).

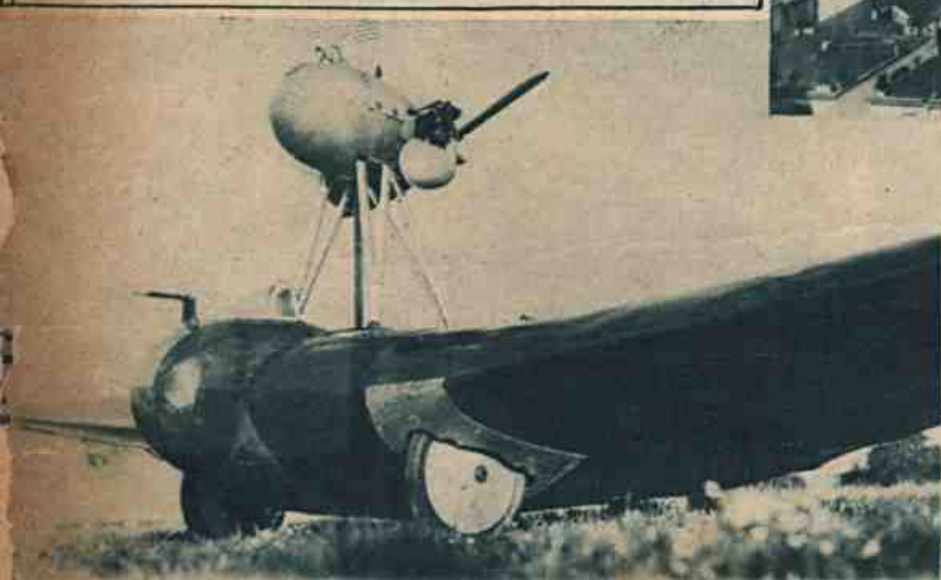
AOS HERÓES FARRAPOS — Obelisco erigido em Garibaldi, villa gaúcha, em homenagem aos soldados farroupilhas. (*Rem. de Osmar Toniazzi — R. G. do Sul*).

O TUMULO DE ANCHIETA — Jazigo onde repousam os restos mortaes do grande cathequista e evangelisador, em Victoria, no Espirito Santo. (*Rem. da Srta. Didi Carvalho — Minas Geraes*).

O MUNDO EM REVISTA

HEROE ENTRE HEROES — O Führer inaugurou, em Munich, quatro sumptuosos palacios estylo neo-grego, e visitou a adega de Burgerbrau cnde, em 1923, planejou a sua "Marcha sobre Munich". Neste instantaneo vemos Hitler fazendo um discurso entre seus antigos companheiros de jornada.

A MAGISTRATURA YANKEE — O *sheriff* H. Oscar Rocheleau posando para o photographo da International News, de New York, á entrada do Tribunal do Jury de Worcester (Massachussetts) por occasião do julgamento de Shermann, cuja prisão elle effectuara.

A AGITAÇÃO NO EGYPTO — Os nacionalistas egypcios, não satisfeitos com as declarações do ministro inglez Hoares, sobre os seus direitos de representação no Parlamento, promoveram disturbios nas ruas do Cairo. Houve mortos e feridos entre estudantes e soldados. O Consulado da Grã Bretanha (na gravura) foi apedrejado pelos amotinados.

NOVOS AEROPLANOS — Não cessam no mundo inteiro as tentativas para o aperfeiçoamento da aviação. Na França, effectuaram-se experiencias com um novo apparelho, que mede 4 metros de comprimento e pessue um total de 20 metros quadrados. E' equipado com um motor de 34 H. P., typo "Scorpion", inglez.

UMA CIDADE NAS TREVAS — A linda cidade de Genova (na gravura) foi devastada, o mez atrasado, por um cyclone infernal. A cidade ficou ás escuras, devido a terem sido lançados por terra os postes de electricidade. Innumeras casas ruiram. Navios transportando material bellico para a Africa foram acossados para longe do porto. Os "camisas pretas" prestaram soccorros ás victimas e removeram cadaveres á luz de tochas.

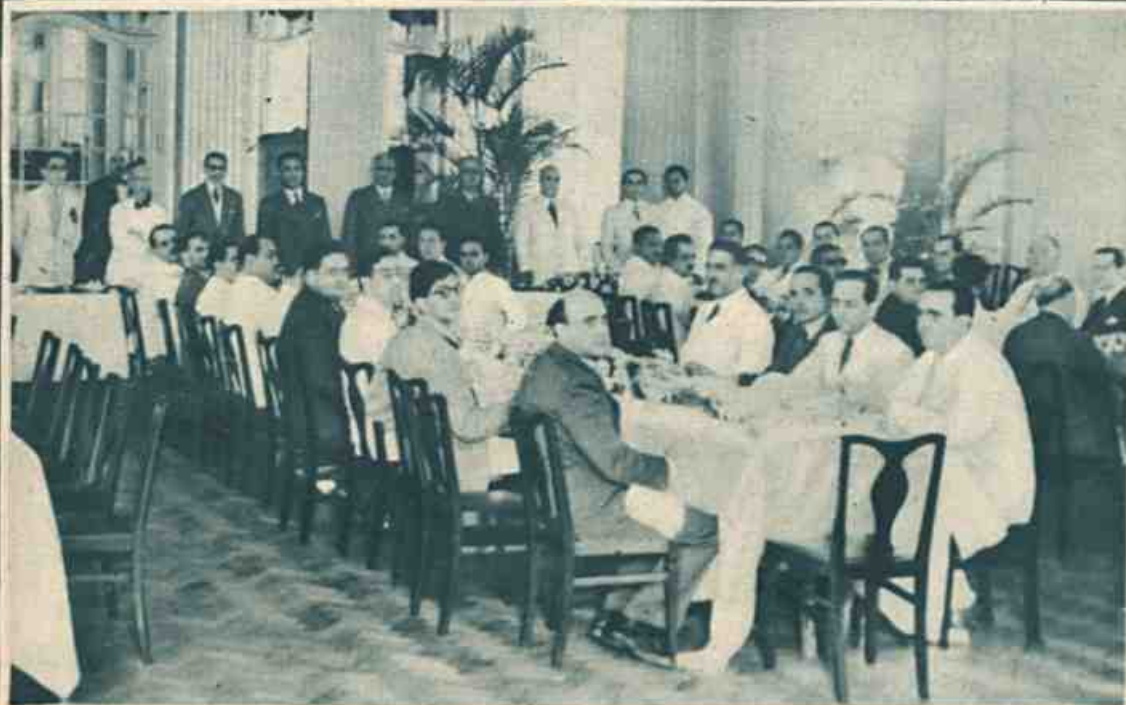
UMA ESCOLA EM RUINAS — Dados officiaes revelam que o terremoto de Helena (E. U.) não foi tão violento como a principio se propalou. Os damnos materiaes foram orçados em 500.000 dollars e o numero de mortos foi pequeno. Esta photo mostra-nos as ruinas da escola de altos estudos de Helena.

O TUMULO DE UM POETA — Os restos mortaes do "poeta da charneca", como era conhecido o vate allemão Hermano Loens, foram trasladados do norte da França para Lueneburg, onde ficarão em definitivo. A gravura mostra o tumulo do poeta allemão.

NOVO MINISTRO DA GUERRA — Alfred Duff Cooper, ex-ministro das Finanças da Grã Bretanha e que acaba de ser nomeado para occupar a pasta da Guerra em substituição do Visconde de Halifax.

PARADA MILITAR — S. M. o imperador de Mandchukuo, Kang Teh, acompanhado das altas autoridades do Exercito, passou em revista as forças de seu paiz no campo de manobras de Hsinking.

JAPÃO EM FESTAS — O nascimento do segundo filho dos Imperadores do Japão foi festejado enthusiasticamente no paiz das Geishas. O imperador (ao centro, de costas) achava-se em Kashima, assistindo ás manobras militares. Segundo a tradição, o principe foi baptisado sete dias após o nascimento.

ALVIÇARAS — O rei Jorge da Grecia, na Legação do seu paiz em Londres, e os ministros que lhe foram dar a noticia de que havia sido, por plebiscito, acclamado soberano dos gregos, pela segunda vez. Jorge é o terceiro, a contar da esquerda. O militar é o general Papagos.

UMA TRADIÇÃO DA IMPRENSA CARIOCA — Aspecto tomado durante o almoço de confraternização jornalistica, offerecido pelo Touring Club do Brasil, no Hotel Gloria, na antevespera do Natal.

FEZ ANNOS

Dr. Hugo Vianna Marques, nosso brilhante collega de imprensa, sub-chefe do gabinete do Dr. Gastão Guimarães, que fez annos a 31 do mez passado. O anniversariante é professor da Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto e secretario do Instituto de Ensino e do "Boletim de Assistencia Municipal."

ALTO COMMERCIO CARIOCA

Dois aspectos tomados pelo nosso photographo por occasião da inauguração das novas installações da "Casa Masson", á Rua do Ouvidor nº 91, nesta Capital, de propriedade dos Srs. Leopoldo Seyer & Cia.

Um aspecto da nova Capital de Goyaz — a cidade de Goyania, vendo-se assignalada, á setta, a residencia particular do Governador do Estado.

GOYAZ TEM NOVA CAPITAL

O Governador de Goyaz, Sr. Pedro Ludovico, assignando o primeiro decreto na nova capital. Ao lado, o Sr. Benjamin da Luz Vieira, Secretario Geral do Estado.

Vivaldi Leite Ribeiro e Carlos Alberto Gonçalves. Um, grande industrial, que não é de Georges Ohnet, outro, technico em assumptos estatistico - commerciaes.

Fructuoso Vianna e Dr. Guilherme Francovich. Um compõe harmonias, como eximio pianista, o outro é secretario da Legação da Bolivia no Rio...

Sózias

Contam que um cidadão americano, achando-se immensamente parecido com Mark Twain, mandou ao genial escriptor um retrato seu, perguntando o que achava elle daquella enorme semelhança.

— "Meu caro — foi a resposta — achei seu retrato tão parecido commigo que vou dependural-o no logar do meu espelho e quando fôr barbear-me, todas as manhãs, olharei para elle..."

Talvez seja essa a unica utilidade dos sósias. Porque para o mais, esses taes individuos que se dão á pilheria de se parecerem com a gente até á confusão, só servem para nos dar desgostos, como succedeu áquelle pobre Adolpho, heróe desventurado de um conto humoristico de Galvão de Queiroz, que encontrou 3 sósias de uma vez em seu caminho...

A nossa pagina fixa alguns casos de parecença flagrante, e demonstra que os taes sósias são bem faceis de encontrar...

Drs. Jorge de Lima e Carlos Nunes. O primeiro é autor de "O Anjo" e de "Calunga". O segundo é o Dr. Jorge de Lima de chapéu...

Dr. João Pinto da Silva e Jorge Chacarian. Um historia o passado, outro o futuro. O primeiro é escriptor, — o outro é chirosophista e onirologista muito conhecido.

CONCURSO ALBUM DE ARTE D'O MALHO

OS CARTÕES NUMERADOS DE LEITORES DO INTERIOR DEVEM SER PROCURADOS EM NOSSAS SUCCURSAES LOCAES

Muitos dos nossos leitores do Interior, que remetteram seus mappas do "Concurso Album de Arte d'O Malho" para trocar pelo cartão numerado, nos têm escripto perguntando se recebemos esses mappas e reclamando a remessa do cartão que lhes cabe. Vimos, por isso, fazer sciente aos collecionadores do interior que os seus coupons foram remettidos aos nossos agentes e representantes nas localidades em que residem.

Cada remettente de mappa deve, pois, procurar em mão do nosso agente na séde de sua residencia o coupon numerado a que tem direito, bastando, para isso, declinar o seu nome.

Para maior facilidade, transcrevemos abaixo a relação dos nossos agentes com seus respectivos endereços. Os concorrentes que residirem em localidades onde O MALHO não possuir agente, receberão seus coupons directamente pelo Correio.

Devido ao grande numero de mappas que temos recebido para trocar, tem-se verificado alguma demora na remessa dos cartões, mas aquelles concorrentes que ainda os não receberam podem ter a certeza de que elles lhes serão remettidos, ficando seus nomes e respectivos numeros annotados em nossa Redacção, o que lhes garante a entrada no sorteio. E' esta a lista dos Agentes de O MALHO, aos quaes temos remettido os cartões numerados e com os quaes cada collecionador deverá procurar seu numero:

Pará: Belém, Agencia Martins, Trav. Campos Sales, 85-89; Fordlandia, José I. Franco; Santarém, Octavio Sirotheau.

Maranhão: São Luiz, Ramos d'Almeida & Cia., Praça João Lisbôa, 114.

Ceará: Fortaleza, Moraes & Cia., R. Major Facundo, 408.

Piauhy: Therezina, Claudio Moura Tote, R. Paysandú.

Parahyba: João Pessôa, A. Baptista de Araujo, R. Barão Triumpho, 401; Campina Grande, Cicero C. Brasil, R. Cardoso Vieira, 41; Sousa, Humberto Façanha de Almeida.

Pernambuco: Recife, José Magdalena & Cia., Rua Nova, 223. Petrolina, João Ferreira Gomes; Palmares, O. Ferreira; Gameleira, Amaro Circassiano de Brito.

Sergipe: Aracajú, Agripino Leite & Cia., R. João Pessôa, 95; Propriá, João C. Torres.

Alagôas: Maceió, Luiz de Carvalho, R. Commercio, 522; S. Miguel Campos, Juarez Alves de Castro; Penedo, Alberico Lima Netto.

Bahia: S. Salvador, Alfredo J. Souza, R. Collegio, 8; Cachoeira, Julio José da Costa; Valença, Mario Muniz; Nazareth, Mario Paes Coelho; Ilhéos, Waldemar B. Figueiredo, Rua Manoel Victorino, 2; Bomfim, Antonio Senna Gomes; Feira Santanna, Pedro Machado de Brito; Jequié, Oswaldo O. Silva.

Espirito Santo: Victoria, Vva. Copolillo & Filho, R. Jeronymo Monteiro, 14; Cachoeira de Itapemirim, Agencia Sant'Anna.

Estado do Rio: Campos, Agencia Sant'Anna, Av. 7 de Setembro, 167; Petropolis, J. D. Esteves Pereira, R. 15 de Novembro, 34; Barra do Pirahy, Zappa & Cia. Ltda.

Minas Geraes: Bello Horizonte, Sant'Anna Riccio & Cia., Av. Santos Dumont, 396; Juiz de Fóra, Ercole Caruso & Cia.; R. Halfeld, 407; Alfenas, Antonio Orfanó; Itajubá, Rotella Caruso & Cia.; Itabira, Orcar da Costa Lage; Barbacena, José Vieira da Rocha; Sete Lagôas, Antonio Costa; Ponte Nova, Eloy Fraga; Santos Dumont, José da Cunha Carvalho; Cataguazes, Giolitto Caruso; Montes Claros, Sebastião Mendes; Carangola, Carelli & Cia.; Uberlandia, Angelino Pavan; Brazopolis, Moacyr Serodio; Diamantina, José Antonio Motta; Ouro Preto, Affonso Ildefonso de Brito; S. João d'el Rey, José Imbroisi & Cia.; Serro, João Sant'Anna; Ubá, Martho Teixeira.

Goyaz: Goyaz, A. Arlington Fleury, R. Americano do Brasil, 6.

São Paulo: São Paulo, Antonio Zambardino, R. Anhangabahú, 17; Santos, N. Paiva Magalhães, R. Rosario, 31; Campinas, Joaquim Almeida Petta, 13 de Maio, 502; S. Carlos, Caetano Scalise, Riachuelo, 25; Ribeirão Preto, Angel Castroviejo, Duque de Caxias, 80; Rio Claro, Luis Rubini, Av. 1, 43; Catanduva, Americo Roque; Rio Preto, Alfredo Leite de Aguiar; Jaboticabal, Guerino Capalbo, Av. Ruy Barbosa, 41 C.; Sorocaba, Vva. Carone, rua Direita, 171; Guaratinguetá, Antonio Zappa; Cruzeiro, Raphael Zappa & Cia.; Taubaté, Nicolau Panno; Baurú, Clovis Vasconcellos; Monte Azul, Domicio de Mello Guimarães; Limeira, Eurico Azevedo; Mirasol, Luciano Mazzoni; Batataes, Barbosa Junior & Irmão; S. José dos Campos, Alexandrino Burrini; Piracicaba, Justino dos Santos Leal, rua Moraes Barros, 123; Itapetininga, Roque Cesario Albino.

Matto Grosso: Cuyabá, Pinheiro & Cia. Rua Republica, 20; Ponta Porã, Dinarte de Souza; S. Luiz Caceres, João Francisco da Costa; Corumbá, Miguel Ibarra.

Paraná: Curityba, J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423; Ponta Grossa, Chagas & Costa, Rua Tte. Hinon Silva, 50; Antonina, L. S. Picanço; Paranaguá, L. S. Picanço; Lapa, Antonio Zappa.

Santa Catharina: Florianopolis, Alberto Entres, Rua Felippe Schimidt, 14; Joinville, Procopio Oliveira Borges; Itajahy, Juventino Linhares; São Francisco, Guaracy Gorresen; Porto União, Antonio Gomes Guerra; Lages, Indalicio Pires.

Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Santos & Sagebin, Rua 7 de Setembro, 805; Rio Grande, Vva. Luciano Lage & F°.; Rua Mal. Floriano, 321; Santa Maria, Barcellos Bertaso & Cia.; Livramento, Antonio Prado Brisolla; Bagé, Catão Perez & Cia. Ltda.; Passo Fundo, Araujo Bastos & Cia.; São Jeronymo, Fernando Criscuoli; São Gabriel, Marques Luz; Encantado, José Maria Braga; D. Pedrito, João de Deus D'Mutti; Santiago do Boqueirão, Manoel Sopeña Diaz; Bôa Vista do Erechim, G. Noal Carraro.

A todos os concurrentes de outras localidades a remessa dos coupons numerados está sendo feita directamente.

As nossas remessas soffreram grande atraso devido ao accumulo de mappas recebidos de toda a parte do paiz.

A LENDA DAS ESTRELAS

Illustração de
Correia Dias

GUSTAVO BARROSO

HA muito, muito tempo, as mulheres duma tribu Bororó sairam pela manhã cedo de sua aldeia e fôram colher milho verde no roçado ao pé do rio. A passarada cantava festivamente no arvorado orvalhado e uma gase sutil de bruma cobria as abas dos serrotes distantes.

Junto á plantação, as mulheres deram com um dos rapazes da tribu que ia caçar. Era tão forte como Meri, o sol, e tão belo como Ari, a lua. Ia caçar os kurugos esquivos e seu corpo, riscado horizontalmente de negro e côr de rosa, com filetes brancos, deslisava por entre as altas ervas qual o de imensa cobra de coral, irmã do Minhocão, da Grande Serpente, dona do mundo. Do seu ombro nú pendia um carcaz de couro de jacaré cheio de setas.

Tão bonito! Parecia o herói Bakorôro, depois que matou a serpe Cemirega, devoradora de homens, e cantou seu canto triunfal. Todas as mulheres sorriram para o rapaz e a que mais sorriu, sua mãe, lhe disse:

— Vem nos ajudar a apanhar milho verde.

O rapaz foi com as mulheres. E, enquanto sob o sol que nascia elas iam quebrando os pés de milho e deitando as espigas nos cestos, êle escondia, de tempos em tempos, uma espiga entre as frechas do carcaz de couro de jacaré.

Mais tarde, de regresso á aldeia, o belo adolescente pediu a uma tia que fizesse umas brôas com milho roubado e foi comê-las com seus amigos. De repente, um dêles lhe disse:

— Se tua tia contar que roubaste milho e nós o comemos contigo, seremos amarrados no mato para que nos devore o passaro Aroeceba!

Todos ficaram com muito medo e, correndo á casa do joven, cortaram a lingua e os dedos da velha tia, afim de que não pudesse por palavras e gestos revelar o crime dêles. Mas logo um grande remorso os tomou, e, com o remorso, um grande medo. Então, resolveram se esconder no céu.

— Pidudú! Pidudú! começaram a gritar.

— Que é? perguntou o beija-flor.

— Toma a ponta dêste cipó, Pidudú, vôa bem alto e vai amarrá-la lá em cima, no céu.

O Pidudú assim fez e êles marinharam pela corda acima. As mães que já os andavam procurando viram-nos subindo por aquêle cipó, correram, agarraram-se a êle e fôram tambem subindo.

O último dos rapazes a chegar ao céu foi o belo ladrão de milho. Voltou-se e deu com a penca de mulheres penduradas como bananas do cipó. Com sua faca de ôsso cortou-o mais que depressa e as coitadas, aos gritos e gemidos, fôram se esmigalhar de encontro ao chão.

Uma pequena falta leva a grandes faltas. O pequeno delito do furto de algumas espigas levara até o peor dos crimes — o matricidio! O Grande Espirito viu tudo isso e condenou os moços criminosos a ficarem eternamente no céu, olhando eternamente a terra onde suas mães se despedaçaram. De dia, a luz poderosa de Meri os esconde. De noite, ás vezes, a luz de prata de Ari tambem os esconde. Mas, quando faz escuro, suas pupilas se acendem por todo o firmamento.

Os olhos dêsses filhos ingratos são as estrellas.

NAVIO NEGREIRO ESCRAVO

VERSOS DE LUIS PEIXOTO

Navio negreiro
Chegou na Bahia...
Os pretos choravam.
Os brancos se riam.
Os olhos dos pretos
De noite, accendiam...

-- Navio negreiro,
Me leva pá Costa!
Me leva pá Costa
P'r'eu vê minha fia! --
A nêgra cambinda,
Chorando, dizia --

Navio negreiro,
Tambem eu um dia,
Deixando na Costa
Alguem que eu queria,
Cheguei na Bahia...

Eu fui na Côrte
Vê o imperadô,
Minha cambinda
Não me acumpanhou,
Ficou sambando
P'ra seus branco adiverti,
Veio um branco e levou ella
Por esses sertão do Brazi...

Desde esse dia
Nunca o meu sinhô
Não viu seu preto
Nunca mais se ri...

E preto véio
Quando embala a rêde
Conta essa historia
Pra sinhôsinho drumí...

paulo amaral

o "modelo"

Conto de CARLOS RUBENS

LÉO GIL ficou pela segunda vez impotente deante do "modelo" estatico e surprezo. Sem comprehender-lhe a vivacidade emocional.

Lá fóra a manhã era a de um outomno dourado e rútilo. A luz entrava pelas janellas em volta e por cima, como o desejasse o artista. No ambiente modesto, mas arranjado, medalhões em gesso, estatuas esquecidas, mascaras lembrando genios e seres vulgares, figuras sem cabeça e de membros amputados, quadros, retratos, livros, jarros e pannejamentos sobre divans. Era o atelier.

Já por duas vezes tentara Léo Gil fixar no barro a physionomia de Celeste, a amante de outros tempos, seus dedos teimando em plasmar uma Celeste que não era a que via deante delle, mas a outra que insistia em desenhar-se-lhe na lembrança e na visão.

Os dedos comprimiam a argila maleavel, procuravam dar ao bloco disforme expressão humana, eternizar os traços precisos do modelo que permanecia na attitude passiva e morta em que a puzera o esculptor. Com a espatula na mão, no meio do atelier, proseguia no trabalho affanoso, olhando a creatura que pôsava, observando bem a luz que a illuminava, o arranjo dos cabellos, o olhar, os contornos. E tanto mais decididamente investia contra o barro humescente, querendo transmittir-lhe a expressão da mulher que tinha fria e humilima deante delle, quando mais implacavelmente, como num sortilegio diabolico, se definiam as linhas do rosto da que estava á sua frente, não como seus olhos fitavam, mas como a conhecera, annos atraz, no apogeu da belleza e na gloria da paixão sem horisontes que os fizera enlouquecedoramente felizes.

— Estupido que estou hoje! Parece que tenho nevoa nos olhos — disse atirando o panno molhado sobre o bloco inexpressivo.

Deu liberdade ao modelo e conversaram sobre coisas que não prendiam o interesse de nenhum delles. E não tentou mais naquelle dia.

Léo Gil encontrára um dia Celeste Vidal. Encontro banal, nascido do cruzamento de linhas telephonicas. Depois cartas e a primeira conversa pessoal, para qual ella foi toda de branco, e elle lhe levou cravos vermelhos. Celeste vinha de umas nupcias infelizes, mas que não a inutilisara para nova paixão. Léo Gil tivera uma deslumbradora surpresa. Joven, de um morena-rosa fascinante, olhos verdes enormes, os cabellos muito negros, pequena e de linhas esculpturaes. Celeste perturbava. Amaram-se, então, doidamente. O amor fremiu nos dois com desespero. Ella via nelle o homem e o artista. Elle via nella a mulher bonita, apaixonada e intelligente. O seu primeiro premio no *Salão*, obteve com a "Juventude", para qual Celeste pôsara exhibindo o corpo venusino quasi virginal e cheiroso como flôr.

O impeto da paixão allucinante, porém, amorteceu. O amor passou. A vida levou Celeste no seu redemoinho. Quando se tornaram a ver, já sem fremitos, Léo Gil viu com os olhos surprezos, que a mulher linda e rescendente com quem tivera tântas horas de allucinação e de extasi, era outra. Resurgia-lhe agora magra, os cabellos dourados, o rosto sem o frescor e a graça de outros tempos.

Approximando-se o "Salão", convidou-a pôsar. Unia-os agora uma amizade misturada de revinescencias mudas. Celeste accedeu.

Léo Gil começou o trabalho, foi dando forma ao pedaço de barro. Mas ao fixar a physionomia do "modelo", occorria o facto extraordinario: quem surgia da argila era a Celeste morena e perturbadora da "Juventude" e não a que tinha deante dos olhos, parada, esperando uma obra prima que não viveria.

Tres vezes tentou inutilmente. Começou e recomeçou. Fitava a physionomia de Celeste, olhava-lhe bem os olhos agora de um verde sem fulgor, os anhellos artificialmente alourados, a bocca sem a ardencia de annos passados; mirava-lhe de um lado e de outro, approximava-se della, recuava, os dedos comprimiam o barro, procurava definir traços, precisar linhas, mas o que afinal ia surgindo do bloco sensivel era a physionomia perfeita da Celeste que amara extremadamente.

Por que a visão imperecivel da Celeste esvanecida, da que o tempo transfigurara? Atirou o bloco para um canto. Celeste ria sem comprehender o esforço sem victoria do esculptor.

— Deixemos para amanhã. — disse Léo Gil com um sorriso forçado.

— Pois seja. Voltarei amanhã.

Elle procurou não vel-a mais

A VOLTA DA MADRUGADA

A campainhada do outro, que ia saltar no mesmo ponto, despertou-o do seu sonho. O bonde parou e elle desceu pouco depois do mulato gordo. A chuvinha fina continuava a cahir e toda a noite era um desconsolo de nevoa e de humidade. Foi seguindo pela calçada, com o vago aborrecimento que trazia comsigo desde a manhã desse dia. A' esquina, imitou mechanicamente o gesto cauteloso do outro, que arregaçava um pouco as calças para não sujal-as no barro vermelho e escorregadio. E pelo caminho de terra batida, foi subindo devagar, na indecisão molle de quem sabe que chegará ao fim.

O cheiro forte e desagradavel das vallas meio mascaradas pelos capins altos, tonteou-o. Pensou comsigo:

— Que porcaria!

Toda a noite e toda a manhã era aquillo. As vallas, onde corria agua fetida e negra das fossas, rescendia na tortuosa rua suburbana. Em certas horas tornava-se insupportavel. Dava nauseas.

Vida de suburbio. Os trens da Central, superlotados. Os bondes gravidos de "pingentes". E a caminhada rua acima, em demanda da casa onde a irmã tossia e as creanças magrinhas e ranhentas choravam continuamente.

O cão ladrou violento por detraz da grade. O coração bateu-lhe forte e uma friagem correu-lhe pernas acima. Fingiu que apanhava uma pedra e ouviu o começo de carreira do animal. Mas os latidos recomeçaram e foram acordar, pela rua toda, outros latidos, num côro odioso de raivas covardes e impotentes.

Medo. Sempre aquella sensação de susto, aquelle estremecimento de todo o organismo, despertando-o do sonho interior que o embebedava a todo momento. Comprehendia que era doença. Fraqueza. O excesso de trabalho, a alimentação insufficiente, o desconforto da casa, as preoccupações diarias e sempre maiores.

Quando ia passar em frente á esquina da rua que descia a collina, olhou em volta, sentindo falta de alguma coisa. Mas o outro, o mulato gordo desapparecera, engulido talvez pela porta escura de alguma das casas velhas que se enfileiravam á direita. Achou-se sósinho, desamparado, apesar de sua casa estar ali, a vinte passos, perto do terreno baldio onde negrejava a jaqueira e os sapos coaxavam entre as toiceiras de capim-navalha.

Parou. Em baixo coruscavam as luzes do Meyer. E o olhar, fugindo de fóco em fóco, ia-se perder na crepitação de todo um estendal de luzes coruscentes, manchado de sombras em varias nuanças. Muito ao longe, um brilho vermelho intenso. E outros menores, esverdinhados. O Rio esparramava-se pelos valles, desbordava nas distancias. Ruidos afastados. Um ronronar longinquo de machina vinha de lá macio e ininterrupto. Era como si a cidade dormisse, ao relento, sob a chuvinha peneirada, na madrugada triste. Um somno cansado e doentio de quem trabalhou o dia inteiro e foi dormir preoccupado com os quinhentos réis para a media do dia seguinte.

E aquella idéa era tão amarga e tão exacta, que elle sentiu um engulho na garganta, uma ansia, um desespero subir-lhe peito acima. Teve vontade de chorar, uma vontade infantil de atirar-se ao chão e chorar, chorar como chorava a Licinha, o Carlinhos, rojando-se no chão e esperneando aos berros, entre soluços e palavras entrecortadas.

Serenou aos poucos. Chegou mesmo a sorrir. Afinal, nem sempre aquillo seria assim. Um dia o suburbio haveria de descer, de descer para a cidade, como uma avalanche que nada deteria. O mar humano, dividido em mil rios, em cem mil riachos, rolaria pelas linhas ferreas, pelas avenidas, pelas ruas, despenhar-se-ia dos morros, alagaria as praças, inundaria toda a cidade. E elle, Antonio Sebastião da Silva, servente dos Correios, e a pobre Maria de Lourdes e o João e a Licinha e o Carlinhos não mais voltariam á rua lamacenta das vallas, á vida lamacenta da miseria... Ficariam por lá, num predio de appartamentos da Avenida, sim, da Avenida Atlantica!...

Parece que assobiava quando passou a valla pela pedra oscillante. Seguiu pelo pequeno corredor entre a parede e a cerca do vizinho. Entrou pela porta da cosinha, com passo agil, contente, galvanizado por aquella idéa que agora lhe afogueava a mente. Mas ao passar pela sala de jantar ás escuras, desviando-se da mesa, ouviu do outro lado a voz baixa e cansada da irmã:

— Antoninho, trouxeste o sapatinho que te pedi?

Sentiu um baque surdo dentro de si, como si alguma coisa estivesse desmoronando lá dentro. Quiz dizer que não conseguira os dez mil réis para o sapato do Carlos. Mas teve medo, medo de cahir na realidade, na lama da rua, na miseria da vida. Compoz um sorriso no escuro e indagou com uma voz muito alta, que a si mesmo espantou:

— Sabes, Maria, que nós vamos morar em Copacabana?

Um pequeno accesso de tosse, esmagado com esforço:

— Psiu!... Olha as creanças... Quando, hein, Antoninho?

Não soube responder. E ficou por alli, enleado, na treva, até que a voz da irmã soou de novo, abafada e dura como uma sentença:

— Antoninho, tu já estás bebendo de novo...

Mas lá fóra a madrugada ia cada vez mais alta.

COLBERT MALHEIROS

SENHORA

SENHORITA...

Vão aqui, em primeiro logar, os meus votos para que Anno Novo lhes seja explendidamente prodigo de alegrias.

Mudar de anno é uma das mudanças que o velho proverbio não prevê. Porque se tem de mudar mesmo, embora se tivesse estado muito bem antes.

Nada altera a marcha impenitente do tempo "que passa, que passa sem principio, sem fim, sem medida".

Pois: que o que foi bom em 1935 seja optima em 1936!

De Janeiro a Março o calor obriga-nos aos vestidos frescos. Com tecidos de seda e de linho,

Costume de crepe de seda estampado — fundo preto — gola e punho de fustão branco.

Vestido de seda estampado vermelho e branco, gola e punhos de "taffetas" branco.

"Robe manteau" de estamparia de seda marinho e branco.

Capeline de palha da Italia, bolsa e sapato de pellica branca.

Traje de setim "ciré" verde garrafa — para "cocktail"

de algodão tambem apropriados á phase mais quente do anno, podemos preparar trajes graciosos, bem de accordo com as exigencias da Moda.

O que tem caracterisado alguns aos vestidos de Paris nesta epoca de frio escolhida para a "official season" é o emprego de "Grande bourgs", que traduzimos por **alamares.**

Num "déshabillé" de setim preto, verde garrafa ou "lamé" cobre — alamares de seda branca; num "tailleur" de lã e ra — alamares de seda ou de seda .. urada a metal; num vestido para de noite — alamares de metal.

O enfeite novo obedece a caprichosos desenhos, ficando, assim, longe do typo "Standart" que caracterisa os alamares dos pyjamas do sexo forte...

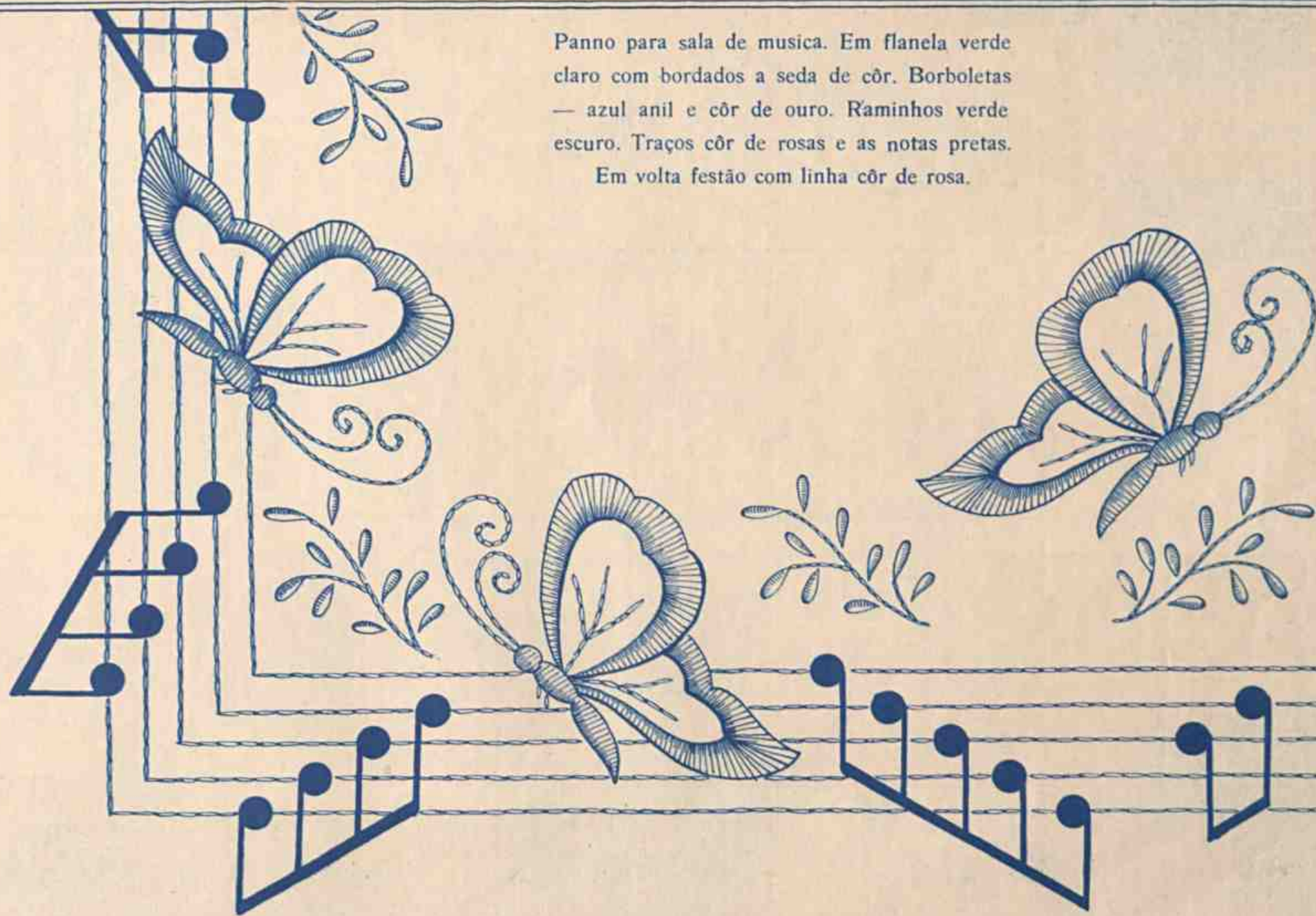
SORCIERE

Vestido para de noite — de seda "cirée" azul verde.

Vestido de crepe de seda estampado — para de tarde.

Vestidos para de noite — de "peau d'ange" rosa velho, alamares de "soutache" de metal cobre de organdi pastilhado.

Accessorios indispensaveis.

Panno para sala de musica. Em flanela verde claro com bordados a seda de côr. Borboletas — azul anil e côr de ouro. Raminhos verde escuro. Traços côr de rosas e as notas pretas. Em volta festão com linha côr de rosa.

DE TUDO UM POUCO

TURCA

Eu me prendi nos teus braços
queimados pelos mormaços —
escravo do teu perfil.
Tens o Oriente na bocca —
linda mulher de voz rouca,
ó turca do meu Brasil.

Sonhei um sonho de luxo:
um lago e, ao centro, um repuxo
a interrogar para o azul,
nas noites lindas, serenas,
se são assim as morenas
bonitas lá de Stambul!

Eu quero ver-te sorrindo
o teu sorriso tão lindo
num barco só de crystal,
cheio de lyrios gelados —
tal qual meus sonhos fanados,
de eterno sentimental!

Por ti soluço e desvairo —
formosa visão do Cairo,
de allucinante perfil...
Tens o Oriente na bocca —
linda mulher de voz rouca —
ó turca do meu Brasil!

ORESTES BARBOSA

Nota: — E' esta uma das lindas poesias do novo "Annuario das Senhoras."

SOBREMESA GOSTOSA
"SNOB"

Amollecem-se 125 grs. de chocolate, á bocca do forno. Misturam-se 125 grs. de manteiga muito fresca. Batem-se quatro gemmas de ovos até que fiquem espumosos, misturam-se cinco claras batidas em neve muito firme; junta-se ao chocolate e á manteiga, mexendo vivamente com um garfo, derrama-se o preparado em forma untada de manteiga e deixa-se em logar fresco, se possivel, durante 24 horas, sobre o gelo. Para tirar da forma, mergulhal-a um segundo em agua quente, depois virar immediatamente sobre o prato. Serve-se com um creme inglez, de baunilha.

NOTAS CURIOSAS

Em Dauville, nos Estados Unidos, ha um camponez chamado Le Chrisman, o qual póde gritar de uma fórma tão estrepitosa que se ouve a seis milhas de distancia.

—:—

Um dos maiores artistas de todos os tempos, o pintor hollandez Franz Hals, pintava nos retratos as mãos com uma finura de detalhes que podia ser chamado o pintor das mãos.

—:—

Victor Hugo disse que George Sand era, naquelle seculo, "la plus sublime femme", e Balzac aggrediu-a depois com este conselho: "Melhor seria que agradasseis mais pela formosura do que pelas letras"?

"AMA-ME SEMPRE"

O "film" bonito que a Columbia apresentou como presente de Natal, aos "fans" de Grace Moore.

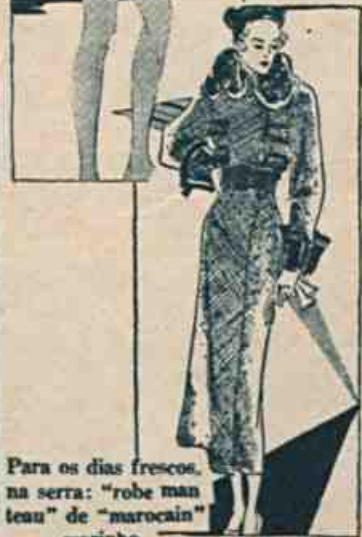
Naturalmente será cartaz para muitas semanas.

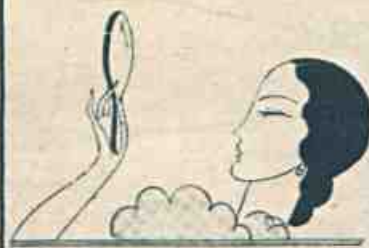
DENTISTAS CHINEZES

Os dentistas chinezes tem um systema curioso de trabalho.

Põem os clientes em fila e untam com uma substancia especial os dentes cariados de cada um.

Depois, acompanhados de um ajudante, que conduz uma bandeja, arrancam, com um movimento rapidissimo de dedos, o dente doente, que o ajudante apanha e colloca na bandeja.

Vestido para banho de sol e de agua salgada.

Para os dias frescos, na serra: "robe manteau" de "marocain" marinho.

HYGIENE E ESTHETICA

Não riam demasiado: é um habito que produz rugas em torno da bocca e dos olhos.

Não esfreguem o rosto com precipitação: é costume que torna a pelle aspera e prejudica a belleza e a tez.

Não comam muito depressa: o que produz indigestões e avermelha o nariz.

Não se lamentem muito, porque não ha ninguem que não tenha desgostos.

Não se esqueçam de que um vintem gasto em boa fruta é mais util do que um tostão gasto em bolos ou guloseimas.

Não andem uma legua em um dia, ficando o dia seguinte em casa.

Não leiam até altas horas; uma hora de somno antes da meia noite vale por cinco depois.

Não fechem a janella do quarto de cama; ar fresco é indispensavel para a saude.

Não esperem que os remedios mantenham a saude, quando se desprezam os preceitos de hygiene.

VELHAS NOTICIAS

Em 1822, Independencia do Brasil.

Em 1862, canta-se pela primeira vez no Lyrico do Rio de Janeiro a opera "A noite no Castello", de Carlos Gomes.

Em 1870, em Paris, proclamação da 3.ª Republica, após o desastre de Sedan.

Em 1850 é elevada á categoria de provincia a comarca do Amazonas, pertencente ao Pará.

Em 1893 revolta-se, na Guanabara, com o fim de depor Floriano Peixoto, parte da esquadra.

Em 1818, morre Herculano Marcos Inglez de Souza, romancista brasileiro.

"Store" de "voile" azul claro, cortinas de "taffetas" marinho.

A ARTE DE CONVALESCER

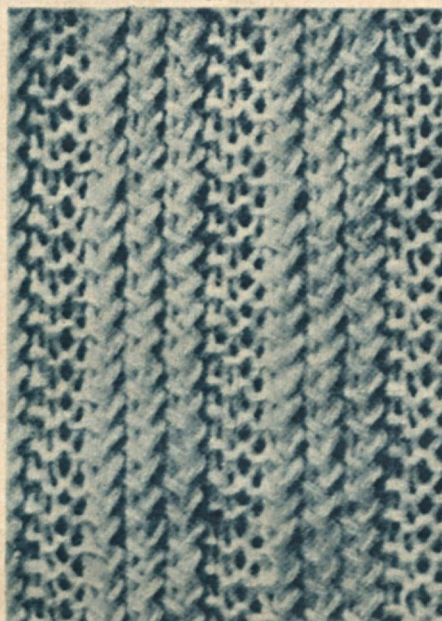
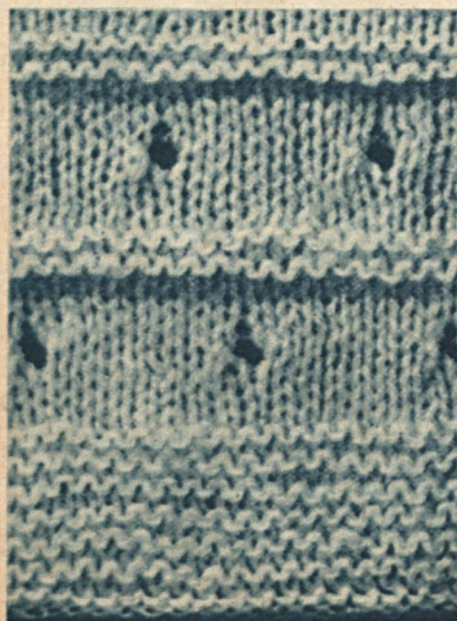
Dizem os entendidos que o processo physiologico de adoecer, convalescer e sarar é semelhante ao do crescimento.

Adoecer e sarar é, pois, arte que pouca gente sabe cultivar. As pessoas de sociedade alta, as de mediana condição — burguezes na accepção da palavra e pequenos burguezes, segundo o credo communista — recebem, quando doentes, visitas como se se tratasse de algum acontecimento alegre.

A doente, no periodo agudo da molestia, claro que fica prohibida de cansar-se com o dispendio de conversa. Sendo claro, então, que pouca ou nenhuma visita receba. Desde, porém, que principia a melhorar, a vida de novo lhe agita o sangue, vae-se interessando pelos acontecimentos. Já se póde cuidar, embora ajudado ainda pela enfermeira. Foi-se o cansaço, o torpor enorme em que vivia, sem um movimento de curiosidade para o que se passava á volta. Mesmo em tal estado, a doente deve ser tratada com hygiene rigorosa, a camisola cuidadosamente escolhida, alva como os lençóes num colorido delicado, suave á vista.

Depois, quando já se póde sentar, consultar o espelho, a roupa de cama é mais rebuscada, preferindo, com justa razão, um pyjama de macia seda, estando ao alcance um chale, manta ou "édredon" que possa acudir a qualquer ameaça de friagem, de vento, emfim, de mudança de temperatura.

Caso o medico o permitta, o quarto deve ter um vaso com flores frescas. Agradará á doente, e dará ás visitas melhor impressão.

A convalescente não se deve, no emtanto, fatigar, sendo, em tal proposito, auxiliada pelas visitas, que, se lhe notarem o menor symptoma de canseira, retirar-se-ão delicadamente, sob pretexto simples, sem deixar na doente qualquer sorte de preoccupação. A convalescença, assim, prepara a enferma á volta á vida rotineira, cujo reinicio tem o sabor especial da novidade.

Detalhes do trabalho

Dois paletosinhos de lã, para o pequenino bebé

Paletot com a manga feita em separado — Empregar lã branca "merino" de 3 fios e agulhas de 3 mm ½ de diametro.

Montar 136 m. e fazer 14 carreiras em ponto de jarreteira (sempre por fóra). Continuar tricotando sempre as 8 m. de cada extremidade em ponto de jarreteira e as 120 m. do meio alternando 8 carreiras em ponto de jersey (1 carreira por dentro outra por fóra) e 4 carreiras em ponto de jarreteira. Na 5ª carreira de cada lista de 8 carreiras em ponto de jersey, formar buracos com 6 m. de intervallo uns dos outros e para cada um fazer deixar uma m. (fazer um "jeté") que se tricota na carreira seguinte e tricotar 2 m. juntas.

Alcançando 14 — de altura total, isto é, na 6ª carreira acima da 4ª lista em ponto de jersey, separar o trabalho em 3, contando 38 m. de cada extremidade. Trabalhar sómente com as 60 m. do meio formando a frente, tirar rectas as 2 m. de cada ponta e continuar com as 56 m. restantes alternando 4 carreiras em ponto de jarreteira e 2 em ponto de jersey. A 19 ½ cm. de altura total, isto é, no fim da 5ª lista em ponto de jersey, fechar rectas as 56 m. da agulha. Tomar as 38 m. postas de parte (metade das costas) e trabalhar recto sobre as 38 m. tricotando sempre as 8 m. da beira em ponto de jarreteira e as outras 30 alternando 2 carreiras em ponto de jersey e 4 carreiras em ponto de jarreteira. A 19 ½ cm. fechar rectas as 38 m., fazendo do mesmo modo a outra metade das costas.

Mangas — Montar 44 m., fazer 14 carreiras em ponto de jarreteira. Depois, trabalhar em listas alternadas de 8 carreiras em ponto de jersey com buracos e 4 carreiras em ponto de jarreteira. A 17 cm. de altura totál, isto é, depois de acabada a 5ª lista em ponto de jersey, fechar rectas as 44 m. da agulha. Depois de fechar os hombros e as mangas com costuras, fazer na golla um aberto em crochet formado por bridas separadas por 1 m. no ar e em seguida uma carreira de meio ponto. Nas costas, a jaquetinha é fechada com um botão e alça. Uma fita passada na golla amarra na frente.

———

Paletot feito numa só peça. — Pontos empregados: ponto de malhas reviradas: 3 m. por fóra, 2 por dentro, as malhas por fóra sempre pelo direito do trabalho, presas por traz. Ponto phantasia: 1ª carreira — (X) passar 1 m. sobre a agulha sem tricotar pegando-a como para tricotar uma m. por fóra, tricotar por fóra a m. seguinte, apanhar a m. não tricotada sobre a agulha da esquerda e tricotal-a pelo direito, repetindo isto 3 vezes, 2 m. pelo avesso e retomar em (X); 2ª carreira, toda pelo avesso. Repetir sempre estas duas carreiras.

Este trabalho é feito em lã vaporosa........ com agulhas de 3 mm ½ de diametro e de 2 mm ½ de diametro.

Execução — Montar 142 m. sobre as agulhas de 3 mm. para a parte de baixo e trabalhar recto em ponto phantasia até alcançar 12 cm. Deixar de párte este trabalho. Sobre as agulhas de 2 ½ mm. montar 30 m. para o punho de uma das mangas, fazer 10 carreiras com ponto de malhas reviradas, começando com 3 m. pelo direito. Na ultima carreira, tricotar cada malha pelo direito 2 vezes (1 por diante, outra por traz) de modo a existirem 48 m. sobre as quaes continua-se em ponto phantasia com as agulhas de 3 mm. até 7 ½ cm., depois põe de parte.

Fazer o mesmo com agulhas supplementares para a outra manga, começando com 2 m. pelo avesso. Em seguida, reunir todas as malhas sobre 3 agulhas: na 1ª collocar as 46 m. da direita do trabalho e a metade das m. da 1ª manga (a que foi começada com 2 m. pelo avesso); na 2ª agulha, collocar a outra metade das malhas da manga, 50 do trabalho que formam a frente e a metade das malhas da 2ª manga; na 3ª agulha, collocar a outra metade das malhas da 2ª manga e as 46 m. restantes que formam a metade das costas; ao todo, 238 m. sobre as quaes trabalha-se recto 3 cms. Depois retomar as agulhas de 2 ½ mm. e trabalhar com ponto de malhas reviradas tricotando na 1ª carreira as m. pelo direito 2 a 2, de modo a ficarem sómente 148 m. sobre as quaes fazem-se 3 ½ cms. rectos. Seguem-se 2 carreiras pelo direito tricotando na 1ª carreira 2 m. juntas em cada 4 m., de modo a restarem sómente 118 m. Na carreira seguinte, fazer um trou-trou, tricotando 2 m., deixando 1, 2 m. juntas, tricotar 2 m., deixar 1, 2 m. juntas, etc. fazer ainda uma carreira pelo direito tricotando as deixadas como malhas, depois tirar rectas as 118 m. Fechar as mangas com uma costura. Passar uma fita no trou-trou e amarrar atraz.

Macacão de setim preto com listras brancas, muito finas. Alpercatas de couro trançado. Eis o traje que ANITA LOUISE prefere para o seu banho de sol matinal.

BARBARA STANWYCK, da Warner Bros, num traje de "marocain" branco marfim e pála de filó, destinado a jantar.

Como vestem as "estrellas" do Cinema

Vestido de "marocain" marinho "soutaché" de branco — GERTRUDE MICHAEL, da Paramount.

OS NOVOS DIPLOMADOS FLUMINENSES

Escola Profissional S. José, do Asylo Santa Leopoldina

Gymnasio Bethencourt da Silva.

Escola Profissional Aurelino Leal.

Faculdade de Direito.

Enfermeiras-obstetricas da Faculdade de Medicina.

Para o futuro — Film Agfa-Superpan

Ainda não faz muito tempo que nem o amador nem o revendedor sabiam para que fim usar o film panchromatico. Com a sua sensibilidade para o vermelho, este não tinha logar na camara escura, illuminada com lampadas rubim, installada para grande consumo. Havia necessidade de nova illuminação e de novos banhos. O film mostrou uma tonalidade azul, que tinha de ser eliminada tambem em banho especial. Parecia que este film, por sua apparencia differente do commum, não servia para todos os fins. Havia incommodos com a freguezia e pouco faltou para que este film tivesse desapparecido do mercado. Que isto não se désse devemos aos poucos encorajados que, tendo em mãos este novo material, souberam que ainda não estava resolvido este assumpto. Não em ultimo tempo a industria allemã, com a sua clara direcção, deu ao film panchromatico uma brilhante resurreição!

Em nova forma, consideravelmente mais sensivel, o film novamente avançou para a conquista, auxiliado pelo systema mais facil de manipulação. Para a conquista da época de pouco trabalho dos amadores photographicos, concorre o inverno que, principalmente na Europa, paralysa os trabalhos photographicos nos laboratorios. Já hoje o consumo do film panchromatico é consideravel, em poucas semanas terá novos adeptos e em breve nada mais impedirá a marcha triumphal deste film. E por que este successo? O film panchromatico não conhece mudanças do tempo, não conhece a differença entre verão e inverno, nem a differença de luz natural para a artificial.

A sensibilidade para o vermelho dá a este film uma supremacia incalculavel, pois a panchromasia significa, na praxe, maxima sensibilidade para a illuminação artificial. Um mundo de novos motivos abriu-se com o film panchromatico AGFA, para a photographia dos amadores. Sempre

Foto EBERIUS
Film: Leica-Superpan

onde as luzes de noites invernosas chamam a attenção da vista, estamos deante de motivos de inesquecivel belleza. As avenidas illuminadas, nos theatros, nos restaurantes, no proprio lar, em todo logar onde até agora não havia possibilidade para a photographia em geral, o film panchromatico entra em acção. Sómente sob este ponto de vista já está uma das maiores vantagens. Livre de reflectores, livre de magnesio, podemos tirar photographias numa luz que é sufficiente para a leitura. Mas não sómente para a luz artificial o film panchromatico é indicado, mas tambem para a luz do dia; principalmente entre as primeiras horas do dia e durante o poente, quando os raios vermelhos predominam na natureza, este film dá resultados maravilhosos. O facto de ser este film tambem fabricado como portrait-film explica que a sensibilidade panchromatica offerece grandes vantagens aos amadores para a photographia deste genero.

ALGUNS CUIDADOS COM A PELLE POR OCCASIÃO DOS BANHOS DE MAR OU DE SOL

DR. PIRES.

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Poucas são as pessôas que têm o cuidado de tomar precauções com a pelle nas épocas dos banhos de mar ou mesmo durante os passeios nas estradas, montanhas ou praias.

Entretanto, o resultado dessa falta de cuidado é o apparecimento quasi inevitavel de sardas, pannos ou manchas, e que vêm prejudicar completamente a esthetica do corpo.

A pelle exposta ao sol sem os necessarios cuidados poderá ficar com sardas, pannos ou manchas.

As leitoras que já possuem a epiderme pigmentada devem, naturalmente, evitar a luz solar pelo facto de que as manchas ficarão mais accentuadas.

As loiras, que são mais sujeitas á acção pigmentar do sol, devem usar um creme á base de quinino, sabido que esse corpo tem a propriedade de neutralizar a acção das radiações solares sobre a pelle. Internamente é conveniente, ainda, o emprego de resorcina em capsulas.

As morenas podem passar na pelle ou o referido creme á base de quinino ou então uma pasta protectora e, logo após, bastante pó da côr mais escura que fôr possivel.

Terminado o banho ou o passeio ao ar livre é necessario lavar a pelle com um sabão neutro, agua quente e, após, enxugar levemente a pelle com uma toalha fina. Não é aconselhavel, nesses casos, esfregar a toalha no rosto.

Com as indicações supra citadas as nossas leitoras poderão tomar sem receio os banhos de mar ou de sol e, dessa forma ficarão mais agradaveis os passeios durante os mezes de calor.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 76.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL

Bijou — Pr. Serzedelo Correia, 15 A — aprt. 43.
Ernestina Machado — Rua Dr. Aquino, 18 — Andarahy.

S. PAULO

Luiza Pitombo — Rego Freitas, 61 — aprt. 411 — Capital.
K. Tita — Eng. Penido, 804 — Cruzeiro.
Maria Alice — Rua 22 n. 57 — Barretos.

E. DO RIO

Lacerda Cruz — Rua Carlos Gomes, 12 — Petropolis.
Glorita Leitão — Rua Alvares de Azevedo, 56 — Icarahy — Nictheroy.

E. SANTO

Moacyr Figueiredo — Av. Capichaba, 65 — Victoria.

PARANA'

Acrisio Moreira da Costa — Banco Nacional do Commercio — Curityba.

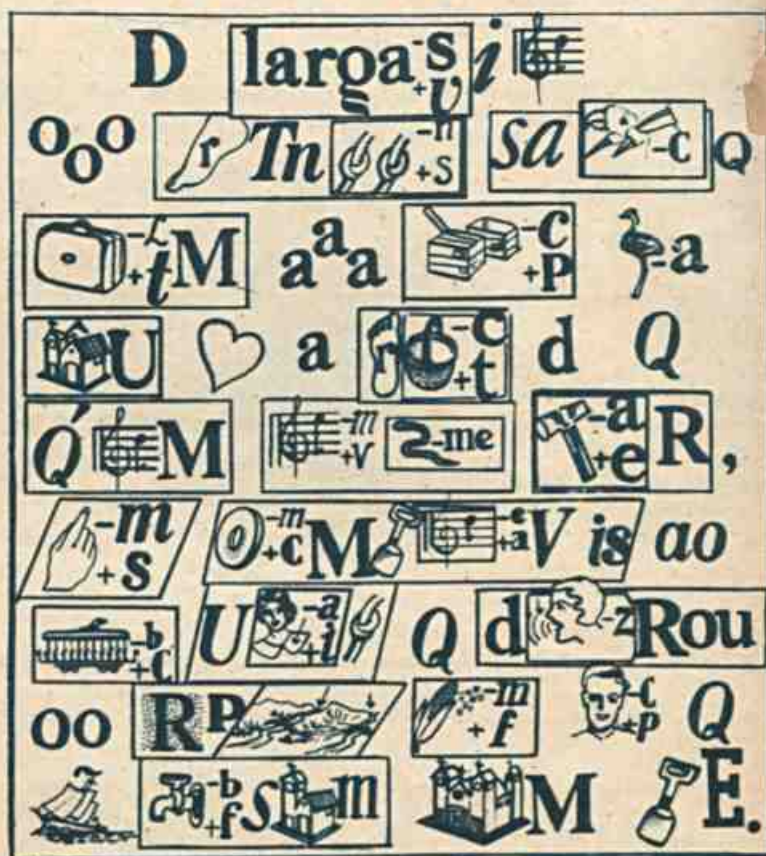
SANTA CATHARINA

Maria Regina Leal — Rua S. Pedro, 112 — Joinville.

Solução exacta da 76ª carta enigmatica

PENNAS DE GARÇA

Responde-me, ó juriti
Ao que te vou perguntar:
Por que é que o dia sorri
E a noite vive a chorar?

Não sabes? Num sonho [brando,
O dia ri quando quer,
E a noite vive chorando
Sómente porque é mulher...

COLLABORAÇÕES PARA ESTA PAGINA

As collaborações para esta secção (Palavras Cruzadas) deverão vir sempre feitas a tinta Nankim em papel branco sem pautas. Cada problema deve ser feito em 2 vias: a 1ª apenas com os numeros e a 2ª com as letras (soluções). As chaves, em papel separado.
Os trabalhos approvados aguardarão sempre as conveniencias de paginação, para serem publicados.

CARTA ENIGMATICA

SÃO condições para concorrer aos nossos torneios semanaes: enviar as soluções á nossa redacção, á Travessa do Ouvidor n. 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; fazer acompanhar a solução do *coupon* numerado correspondente, *collando-o* para que se não extravie, e fazendo constar nelle, legivelmente, nome e endereço.

Para o torneio de hoje, 10 (dez) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 1º de Fevereiro, apparecendo a solução e o resultado do sorteio no O MALHO do dia 13 de Fevereiro.

CARTA ENIGMATICA
Coupon n. 79

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..

Um thesouro
para o lar!
Annuario
das
Senhoras
ANNO III
1936
PREÇO 6$000